

MAURICIO PINHEIRO

**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO:
UMA LONGA TRADIÇÃO PROFANA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Concentração: História e Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli

ASSIS
2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Pinheiro, Maurício
P654s Santuário de Nossa Senhora do Bonsucesso: uma longa
tradição profana / Maurício Pinheiro. Assis, 2004

121 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Catolicismo. 2. Religião popular – Guarulhos (SP). 3. Festas
religiosas – Igreja católica. I. Título.

CDD 262.72
248.46

MAURICIO PINHEIRO

**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO:
UMA LONGA TRADIÇÃO PROFANA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Concentração: História e Sociedade).

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em: _____

ASSIS
2004

Dedico à memória de meu pai:

José Francisco Pinheiro

AGRADECIMENTOS

Durante o caminho que percorri para realizar e concluir essa pesquisa encontrei muitas pessoas e cada uma a sua maneira contribuiu para sua realização. A elas dedico minha gratidão.

Agradeço especialmente ao Professor Doutor Paulo José Brando Santilli que me acompanhou desde o começo com paciência, competência intelectual e orientações precisas.

Também foram importantes para a realização deste trabalho os professores que participaram da banca de qualificação, cujas sugestões e críticas foram relevantes para a continuidade da pesquisa: Sérgio Norte e Eduardo Bastos, do mesmo modo agradeço aos professores do Programa de Pós Graduação em História da UNESP.

À Jane Cleide Alves da Silva pelo carinho, apoio e incentivo, mas principalmente pela companhia nos momentos difíceis,

À Márcia Regina Ciscatti, uma amiga muito especial, ao Carlos José Ferreira dos Santos pelas longas conversas, pela contribuição conceitual e amizade e, também aos amigos constantes Ézio e Lica.

Agradeço aos funcionários das instituições onde pesquisei pela dedicação e profissionalismo, especialmente ao Padre Jair Oliveira da Costa da Diocese de Guarulhos; a Divanize pela revisão, a Lucelena e Vânia (Bibliotecárias da UNESP/Assis), à amiga Marli Araújo, aos amigos Adilson, Regina, Carlos e Ana do Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos; ao Padre Frizzo, Padre Otacílio, Washington e Silvio da Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso. Agradeço também a comunidade da Paróquia aos frequentadores da festa, ao Mestre Macuco, Cirilo, Xavier, Papú, Oliveira e Mestre Ditão e demais integrantes dos grupos de Folia de Reis, Catira, Congada, Moçambique e duplas caipiras, pelo que me ensinaram.

Por fim e muito especialmente a minha mãe. Maria Ferrata Pinheiro, à Márcia Regina e Marcos Roberto meus irmãos, ao Heitor e Fernanda e Cleuza, e a minha filha Bárbara Cecília Batista Pinheiro, pelo suporte, confiança e compreensão.

RESUMO

Este é um estudo da “Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso” e do “Dia da Carpição”, que são comemorados anualmente no bairro de Bonsucesso, no município de Guarulhos, há pelo menos dois séculos e meio e, inseridos no catolicismo popular, se mantêm ao longo do tempo como espaço de reprodução de práticas profanas.

A análise dos dados pesquisados vem demonstrar essa longa tradição profana como uma característica central da festa, apesar das diversas intervenções feitas no seu interior. Dessa forma, discutimos no seu contexto histórico-social as diversas estratégias de controle que aparecem desde o período colonial até os dias atuais. Discutimos ainda como os participantes da festa readequaram seus costumes às transformações que ocorreram.

Palavras-chave: Cultura popular, catolicismo, festa, Bonsucesso, Guarulhos, milagres, patrimônio cultural

ABSTRACT

This paper aims to analyse the “Party in Honour to Our Lady of Bonsucesso” and the “Weeding Day” [“Dia da Carpição”], which are traditional festivities that happen every year in Bonsucesso’s district in the city of Guarulhos at least for two centuries and a half. These festivities impose themselves at the same time as symbols of a popular Catholicism and areas for the reproduction of profane practices.

Our main goal is to disclose this great profane tradition as a central characteristic of the party, despite all interventions undertaken in it by numerous subjects. In this sense, we discuss the distinct strategies of control that rose since the colonial period till nowadays in the historic and social context of the party. We also discuss how the participants in the party rearranged their customs in relation to the transformations that happened throughout this period.

Key words: Popular culture, Catholicism, party, Bonsucesso, Guarulhos, miracles, cultural patrimony.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - O ALDEAMENTO E A CAPELA: FORMAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E RELIGIOSIDADE	
11	
1.1. O NÚCLEO DE BONSUCESSO.....	12
1.2. A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DO SAGRADO.....	26
CAPÍTULO II - O ESPAÇO DO PROFANO	48
2.1. A TERRA.....	49
2.2. A CARPIÇÃO.....	55
2.3. A FESTA.....	61
2.4. A LONGA TRADIÇÃO PROFANA.....	68
CAPÍTULO III – UMA INICIATIVA DE PRESERVAR?	72
3.1. O PODER PÚBLICO CHEGA NA FESTA.....	73
3.2. O TOMBAMENTO.....	76
3.3. O PODER PÚBLICO E A CULTURA POPULAR.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
ANEXO: DEPOIMENTOS E IMAGENS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, FONTES E ACERVOS	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura estudar a “Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso” e o “Dia da Carpição”, que são comemorados anualmente no bairro de Bonsucesso, no município de Guarulhos, há pelo menos dois séculos e meio e, inseridos no catolicismo popular, se mantêm ao longo do tempo como espaço de reprodução de práticas profanas. O objetivo é mostrar essa longa tradição profana como uma característica central da festa, apesar das diversas intervenções feitas no seu interior. Dessa forma, discutimos no seu contexto histórico-social as diversas estratégias de controle que aparecem desde o período colonial até os dias atuais. Discutimos ainda como os participantes da festa readequaram seus costumes às transformações que ocorreram no espaço e no tempo histórico vivido.

Anualmente dirigem-se para a festa romeiros, grupos de Folias de Reis, Congos, Moçambiques, violeiros, catireiros, transformando o pequeno núcleo de Bonsucesso num espaço vivo de expressão da cultura popular tradicional e num espaço de reconstrução de modos de vida típicos das regiões rurais afastadas dos centros metropolitanos. É importante considerar que a festa, dessa forma, se apresenta como um tempo diferente do tempo do município que abriga o bairro. A festa tem o tempo lento da vida rural, definido pelo ciclo das plantações e das colheitas, o município tem o tempo rápido da produção industrial, dos interesses do mercado, marcado por um dinamismo frenético diante do processo de globalização e do avanço tecnológico.

Procuramos reconstruir o espaço de sociabilidade através de diversos recortes temporais. Nesse sentido, procuramos adotar metodologicamente um caminho que vem do passado para o presente e, a partir do presente, vai estabelecer um vínculo com esse passado. Dessa forma, destacamos como o “primeiro tempo” o aparecimento da capela no Aldeamento de São Miguel, os conflitos que cercaram o entorno da capela a respeito do controle de terras e mão-de-obra indígena e negra. Ao mesmo tempo, buscamos referências que demonstrem a importância da capela e como se construiu a longa tradição da festa ao seu redor, principalmente como espaço de encontro dos moradores, devoção e manifestação religiosa dos anônimos com práticas diferenciadas que ainda hoje persistem, mesmo após o processo de romanização.

Entendemos o processo de romanização que surge no final do século XIX e início do século XX no Brasil e conseqüentemente também na festa como a imposição das práticas litúrgicas do catolicismo oficial em oposição à religiosidade popular, ou seja, “[a] romanização confere supremacia aos sacramentos e à instrução religiosa (catecismo), além de exercer censura sobre as práticas anteriores, seja abolindo-as, seja tutelando-as sob a

supervisão do clero oficial”.¹ Esses dois temas são tratados no primeiro capítulo, recorrendo-se a obras consagradas, mas também em fontes originais para a historiografia, como obras de memorialistas, aforamentos, imprensa, livro tombo da Igreja, entre outros.

No segundo capítulo, tratamos do “espaço profano” em oposição ao que discutimos anteriormente sobre a romanização. Nesse sentido, nossa trajetória foi ao encontro dos romeiros, dos grupos da cultura tradicional popular e religiosa e das práticas do lado de “fora da igreja”, entendidas como conflitantes em relação às orientações do catolicismo oficial. Buscamos recompor esse espaço através de depoimentos e fotografias. Nosso objetivo se concentrou em dar voz aos anônimos que fazem da festa um lugar de manifestação e expressão da sua cultura. Procuramos então apresentar o espaço da diversidade e ainda continuar demonstrando os conflitos inerentes entre interesses opostos.

Comprendemos o espaço de “fora da igreja” como o espaço da cultura popular e ele nos interessou particularmente por sua importância como o lugar da prática, reorganização, reordenação e reconstrução das tradições populares. Nesse capítulo, discutimos as práticas profanas em torno da terra sagrada e do milagre, da tradição do ‘Dia da Carpição’ e da festa.

A partir da presença do poder público na festa, elaboramos a hipótese acerca do uso político da fé, como uma intervenção que busca descaracterizar o contexto em que ela se realiza, transformando, dessa forma, a festa em espetáculo e aproveitando o potencial turístico que o município ganha com a construção do Aeroporto Internacional de Guarulhos/São Paulo.

Apoiamo-nos principalmente nos materiais de propaganda construídos pela Administração Pública confrontadas com as políticas de preservação da memória e do patrimônio cultural em vigor.

Com essa pesquisa, procuramos discutir a permanência da festa e a capacidade de incorporar e recriar suas tradições diante de um processo constante de intervenções de vários sujeitos sociais e interesses.

¹ CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

CAPÍTULO - I
O ALDEAMENTO E A CAPELA
formação, desenvolvimento e religiosidade

1.1. O NÚCLEO DE BONSUCCESSO

*A história é objeto de uma construção
cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio,
mas um tempo saturado de “agoras”
Walter Benjamin*

A longa tradição da “Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso” e do “Dia da Carpição”, que acontecem anualmente no bairro de Bonsucesso, em Guarulhos², há pelo menos dois séculos e meio³ apresenta características típicas das regiões mais afastadas dos grandes centros metropolitanos e é fortemente referenciada aos momentos iniciais do povoamento e colonização da região.

Bonsucesso que fora anteriormente um antigo aldeamento indígena, conforme consta nos livros de aforamento da cidade de Guarulhos no final do século XIX e início do século XX, “em terras de um antigo aldeamento indígena”⁴ nos coloca buscar no passado algumas respostas para se compreender o presente, isto é, a permanência da festa.

Essa simples referência ao aldeamento serviu de pista para buscar outras referências que orientassem a identificação do processo de formação do Bairro Bonsucesso e nos permitisse compreender o sentido da festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso, objeto central de nossa pesquisa. Nesse trajeto, nos deparamos, ente outros, com o trabalho de John Manuel Monteiro, que localiza a formação do lugar num contexto de expropriação de terras pertencentes aos índios e da utilização escrava da sua mão-de-obra:

“O bairro de São Miguel⁵ também surgiu do processo de expropriação das terras e da mão-de-obra do aldeamento. A sesmaria original de Ururaí, concedida em 1580, abrangia terras situadas em ambos os lados do rio Tietê mas, ao que parece, o bairro dos colonos localizava-se na margem setentrional. O aldeamento em si ficava na margem

² O município de Guarulhos compõe o cinturão metropolitano paulista e é hoje o segundo maior município do Estado de São Paulo, com uma população aproximada de 1,2 milhões de habitantes.

³ Segundo a Igreja Católica, a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso é realizada desde 1741.

⁴ Pegamos o conceito de Aldeamento empregado no texto emprestado de Nelson Omegna, que esclarece que o significado de aldeamento no Brasil distingue-se do usado em Portugal, “como pequenos povoados rurais”, mas designa como “as ocaras em fase de assimilação” (OMEGA, 1962, p.20).

⁵ É importante destacar que o aldeamento de São Miguel não deve ser confundido com São Miguel Paulista na capital, pode ser encontrado ainda no século XIX, ocorrendo o aforamento de suas posses somente a partir da segunda metade do século XIX (SANTOS, 2004; 37).

sul, circundado, porém, de terras consideradas parte do bairro de Caaguaçu. O que aparece na lista do donativo como o bairro de São Miguel incluía basicamente, as pequenas propriedades ao redor da capela de Bonsucesso, a qual pertencia à fazenda de Francisco Cubas” (MONTEIRO, 2000, p. 205 e 206).

A formação de Bonsucesso não se constitui enquanto uma particularidade, está ancorada pela ocupação branca, pela mão-de-obra escrava para o cultivo das terras e no entorno de uma capela, característica típica da formação dos bairros rurais de São Paulo no período colonial. O que nos interessa diante desse processo bastante comum é identificar o específico, nesse sentido, recorreremos mais uma vez a contribuição de Monteiro acerca da Capela de Bonsucesso ao indicar um jogo que transita entre a devoção à santa e o controle de terras e índios na região:

“Embora diversos parentes de Francisco Cubas figurassem entre os principais residentes do bairro em 1679 (...) ele rompe com os padrões na distribuição e transmissão de riqueza⁶ observadas em outros bairros. De fato, Cubas, diferentemente de outras parentelas que se pulverizavam por meio de dote, procurou manter a propriedade e a família intactas. Chegando ao fim de sua vida, Cubas vinculou grande parte de sua riqueza e de seus índios à Capela de Bonsucesso.⁷ No seu testamento, instituiu suas quatro filhas solteiras como administradoras da Capela, o que, naturalmente, proporcionou-lhes pleno acesso a terras e mão-de-obra (...)” (MONTEIRO: 2000; 206).

A administração familiar da capela como forma de manter sob controle os índios que serviam de mão-de-obra, comporta, como bem apontou Laura de Mello e Souza: “[n]egar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio de seu cativeiro, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde (...)” (SOUZA, 2000, p. 93), a possibilidade de práticas rituais e religiosas diversificadas, ao permitir que, em alguns dias por ano, aconteçam manifestações sincréticas.

A existência de uma Capela acarreta necessariamente a existência de devotos a celebração de ritos. Considerando o fato de Bonsucesso ter sido anteriormente um aldeamento indígena e não propriamente uma missão ou redução jesuítica, as práticas particulares de expressão da fé não parecem condicionadas por uma liturgia estrita.

⁶ Grifo nosso.

⁷ Grifo nosso.

A composição majoritária da população por roceiros, foreiros e posseiros nos encaminha para uma reflexão acerca do modo de vida que ali viera a se constituir à distância do processo de desenvolvimento do núcleo de São Paulo e até mesmo da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, que circundava o antigo aldeamento de Bonsucesso, “Enfim a julgar pelas listas do donativo real de 1679-82, grande parte da população rural da região de São Paulo caracterizava-se pela pobreza, desfrutando de condições materiais pouco superiores às da massa de escravos e índios. De certo modo, o padrão de distribuição de riqueza nos bairros de Santo Amaro e Caaguaçu⁸ prenunciava aquilo que viria a ser uma condição geral da área rural de São Paulo em meados do século XVIII” (MONTEIRO, 2000, p. 207), constituir-se enquanto uma sociedade fechada, que, segundo Antonio Cândido, caracteriza os núcleos caipiras paulistas. Seguindo ainda as indicações de Monteiro o bairro de Caaguaçu, que, como vimos anteriormente, aparece como o Aldeamento de São Miguel.

Provavelmente essa condição de pobreza da região atinge a família Cubas, que acaba por sofrer um declínio econômico, e conforme o mesmo autor: “em poucos anos, a família Cubas sofreu um declínio vertiginoso de riqueza e prestígio, e a capela, em meados do século XVIII, achava-se em um estado lamentável de decadência” (MONTEIRO, 2000, p. 206).

Essa situação de abandono consta também do relatório de visita feito pelo Vigário Gaspar de Souza Leal, Cura da Catedral da Sé de São Paulo, em 1.º de janeiro de 1769⁹, no qual ele informa a situação da Igreja:

“A capella de Nossa Senhora do Bom Sucesso esta em total ruína, porque toda a parede da parte da epistola se acha quebrada, e as vigas do corpo da capella estão expeditas dos frestões de tal sorte, que a cada instante esta cahindo por terra com a agoa que lhe escorre dentro, e pelas paredes alem da ruína sobre citada: e porque não suceda perder-se as imagens, e tudo mais que na capella se acha, ordeno ao reverendíssimo pároco que logo faça conduzir imagens, ornamentos, cálices, e todas as mais alfayas para a adjunta matriz, onde tudo será convensado por inventário athe da reedificação a capella, pena de se lhe da em culpa”.¹⁰

⁸ Grifo nosso.

⁹ Falta informação segura de quando a Igreja de Bonsucesso passa a ter um padre fixo.

¹⁰ Livro de Tombo I, página 72 a 73. Arquivo da Cúria Diocesana de Guarulhos.

Duas questões de importância se colocam a partir desse relatório, sendo a primeira o deslocamento da Capela de Nossa Senhora do Bonsucesso para o controle da Matriz, pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, levantamento este que se dá com a elevação da condição de freguesia à vila, abarcando em seu território político administrativo o aldeamento de Bonsucesso; a segunda questão é o aparecimento e reconhecimento oficial da existência do Dia da Carpição e da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso.

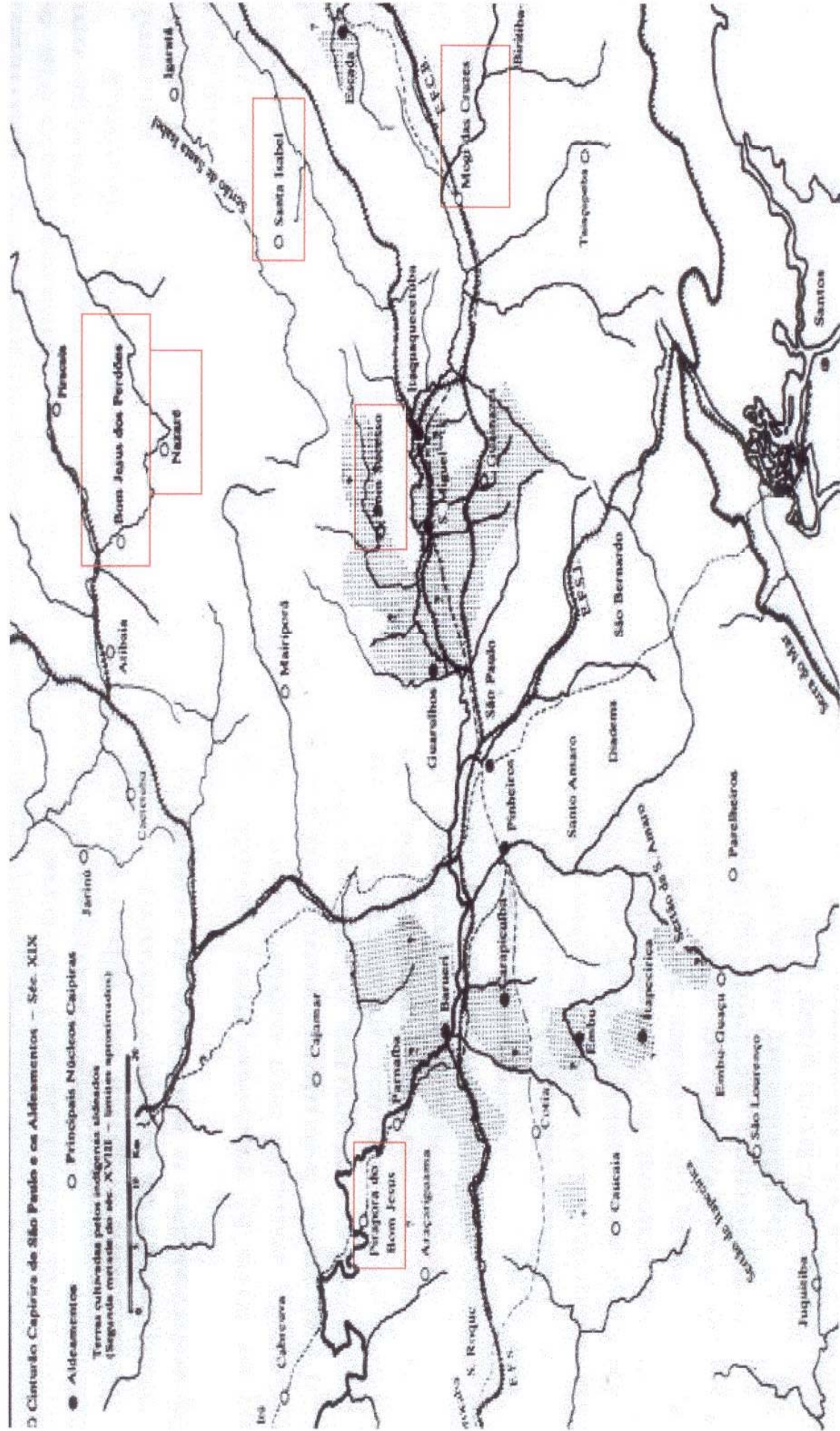
O Núcleo de Bonsucesso esteve ligado inicialmente ao sertanista Manuel Preto e seu filho Francisco Cubas Preto, que veio a participar da bandeira de 1666, e, segundo Monteiro, era possuidor de cerca de 200 índios quando da sua morte em 1673. A capela nucleava colonos, pequenos proprietários de terras, posseiros, roceiros e foreiros pobres, índios e negros cativos.

Essa característica demográfica e socioeconômica possibilita o entendimento da constituição de um modo de vida centrado na pequena produção rural e, conseqüentemente, na construção de mecanismos de sociabilidade particulares, incluindo-se as formas de manifestação religiosa, baseadas nos preceitos católicos, mas que se realizam em desacordo com os critérios ortodoxos do catolicismo romano.

Se a principal característica da formação do núcleo de Bonsucesso no seu início esteve ligada ao bairro de São Miguel, com o passar do tempo, ganhou outra caracterização. Segundo Pasquale Petroni, “no decorrer do século XIX, especialmente durante a segunda metade, os aldeamentos perderam suas características de núcleos indígenas e passaram a identificar-se com os núcleos caipiras dos arredores da cidade de São Paulo (...)” (PETRONI, 1995, p. 373).

Bonsucesso, no século XIX, é considerado por Pasquale Petroni¹¹ como um dos principais núcleos caipiras de São Paulo, configurando-se como lugar original e conservador, característica que começará a mudar somente na primeira metade do século XX, pelo impacto da expansão urbana. Para Petroni, a “originalidade” desses núcleos refere-se ao fato de que, em muitos casos, eles se constituíam como centros de peregrinação. O mapa a seguir contribui para esse entendimento.

¹¹ PETRONI, Pasquale. *Aldeamentos Paulistas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.



Mapa 1 – Os destaques em vermelho foram inseridos pelo autor, servem para identificar alguns desses centros de peregrinação. Mapa original destacado do livro Aldeamentos Paulistas de autoria de Pasquale Petrone, página 377.

Observamos que próximo a Bonsucesso encontram-se outros centros de peregrinações e palcos de festas religiosas da cultura tradicional popular, entre as quais, temos a Festa do Divino em Mogi das Cruzes, a Festa do Divininho em Nazaré Paulista e Bom Jesus dos Perdões, a Festa do Divino em Bom Jesus de Pirapora e outras [ver mapa-1 na próxima página].

A outra questão que se coloca é o reconhecimento, por parte da Igreja oficial, da existência da festa e a data do ano de 1741¹² como o seu marco inicial, alguns anos depois do declínio econômico da família Cubas e antes do estado de abandono da Igreja verificado pelo Vigário Gaspar de Souza Leal. Encontramos a primeira referência no Relatório escrito pelo Padre Celestino em 1913, quando era vigário em Guarulhos (1913-1916)¹³, ao citar as Igrejas e Capelas no então município de Guarulhos, a seguinte observação sobre a capela de Bonsucesso, referindo-se ao final do século XVIII: “apezar de ser sempre grande o número de romeiros que ali affluíam anualmente no mez de agosto”.

A presença de romeiros indica que a festa era conhecida fora do núcleo de Bonsucesso e que sua fama atraía para lá devotos, sendo assim, é seguro afirmar que a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso se localizava como espaço de sociabilidade e de manifestação religiosa mais ampla, atingindo também outras regiões.

O fato de a festa não estar vinculada diretamente à Igreja oficial aparentemente sugere um “esquecimento” proposital, como negação das práticas e rituais de devoção à santa e sua estreita ligação com a terra, que constitui a sua especificidade em relação a outras festas da cultura tradicional popular.

Supõe-se que, após a visita do Vigário Gaspar de Souza Leal em 1769, tenha ocorrido uma reforma ou até mesmo a derrubada e construção de uma nova



Foto 1 – Vista parcial do interior da Igreja. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotógrafo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** 1999.

¹² Existe uma variante quanto à data de início da festa. Segundo foi publicado no jornal *Tribuna da Cidade*, num artigo escrito em 2 de setembro de 1937 (articulista desconhecido), o ano inicial seria o de 1707.

¹³ O Relatório do Padre Celestino constitui uma das bases da historiografia tradicional de Guarulhos.

edificação. Segundo a narrativa popular, a atual Igreja foi construída por escravos em 1800¹⁴ e persiste até hoje com poucas modificações.

A Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso pertence à Mitra Diocesana de Guarulhos; sua construção é de taipa de pilão e suas paredes espessas atingem de 80 cm a 1 metro de largura, com algumas divisões internas em tijolo de barro e em madeira. Possui uma nave central com duas galerias laterais, um átrio que antecede a nave, uma capela mor e um altar, uma sala, uma sacristia e um hall situado atrás do altar. No piso superior, há uma sala dos milagres em uma das galerias laterais, um mezanino e um átrio.

Dr. João A. de Siqueira Bueno, homem de muitas posses, foi um dos benfeitores da Igreja. No ano de 1903, ele promoveu a reforma do altar da capela, em memória de seu falecido pai, cujo corpo encontra-se enterrado no centro da Igreja. Em uma das paredes laterais internas da Igreja, encontra-se afixada uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “[e]sta Capella e seu Altar onde está a imagem de S. Bonifácio forão mandados construir pelo Dr. João A. de Siqueira Bueno em 1903 em memória ao seu pai Bonifácio de Siqueira Bueno fallecido e sepultado no centro da Capella a 4 de fevereiro de 1880” (ver foto 2 ao lado).



Foto 2 – O altar a que se refere a placa e onde está a imagem de São Bonifácio não é o altar principal, neste encontra-se a imagem de Nossa Senhora do Bonsucesso. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotógrafo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** 1999.

Esse é um indicativo de que, no ano de 1880, essa família era devota da santa e ainda demonstra que sua manutenção até então ficava a cargo das pessoas de maior posse, como vimos anteriormente com a família Cubas, responsável pelos cuidados da Igreja no século XVII e depois com a Família Bueno no final do século XIX e começo do século XX.

A indicação de que o controle e os cuidados com o aspecto físico da Igreja tenham, de tempos em tempos, ficado a cargo das famílias de maior posse parece não ter gerado a descontinuidade da festa, pelo contrário, o constante abandono da Capela deve ter favorecido o surgimento da tradição de carpir o seu adro como preparação para os festejos. Sobre o significado da carpição, consagrada como uma atividade religiosa, Padre Celestino diz:

¹⁴ Essa informação foi retirada das pesquisas feitas por memorialistas de Guarulhos, João RANALI, Gasparino José ROMÃO e Adolfo de Vasconcelos NORONHA.

“a carpição vem de carpir, porque, primitivamente poucos dias antes da festa, grande número de pessoas era chamado a fazer a limpeza, para ‘carpir’ o adro (ou pateo como aqui o denominam). Naturalmente mais tarde, como esse serviço era em benefício da Igreja de Nossa Senhora, algumas pessoas iam por devoção e outros por promessa fazer essa limpeza (‘carpição’). Essas devoções e promessas foram se tornando geraes, e consideradas como um acto de mortificação e penitencia, a ponto de virem crentes de longínquas distâncias trazer esmolos e fazer essa ‘Carpição’”.¹⁵

A escolha de Nossa Senhora do Bonsucesso como santa de devoção não nos parece aleatória. As condições socioeconômicas da região, os litígios envolvendo a escravização de índios, num primeiro momento, e de negros, em seguida, a presença de bandeirantes, a miscigenação étnica, a exploração de ouro na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição¹⁶ e os vários processos de distribuição de sesmarias parecem revelar um ambiente favorável para a aceitação dos oragos que acompanham a santa.

Consta que a primeira imagem de Nossa Senhora do Bonsucesso foi trazida para o Brasil pelo Padre Miguel Costa, do hábito de São Pedro. Segundo Megale, a primeira imagem da santa foi colocada na Capela da Santa Casa de Misericórdia no Estado do Rio de Janeiro em 1637, o que ele considera ser bastante apropriado, pois Nossa Senhora do Bonsucesso dos Agonizantes, como era conhecida em Portugal no século XVI, “era invocada para proporcionar aos seus devotos uma boa morte” (MEGALE, 2001, p. 95). Buscava-se, assim, pleitear junto à santa a salvação eterna nos últimos momentos de vida ou a cura dos doentes que imploravam pelo alívio de suas enfermidades.

Numa sociedade escravista como a do Brasil colonial, a existência de conflitos colocava-se de maneira permanente, pois havia o apresamento de índios para destiná-los ao trabalho agrícola ou a outros serviços, como a extração do ouro. Fazia-se o uso da violência como forma de dominação e subordinação desses cativos. O uso da força não consistia no único instrumento para controlar essa mão-de-obra escrava, outros métodos de coerção compunham as complexas estratégias para o controle dessa população.

Entretanto, os conflitos, ao que parece, não se reduziram exclusivamente à absorção de cativos para o trabalho escravo, a disputa entre fazendeiros por terra e mão-de-obra coloca em oposição os interesses dos primeiros com os jesuítas, fato que culminou com a expulsão dos jesuítas: “queriam arrancar os índios da vida selvagem e juntá-los sob sua

¹⁵ Transcrição do Livro III de Tombo da Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, pp. 5V a 6V. Relatório de 10 de setembro de 1913 feito pelo Padre Celestino Gomes d’Oliveira Figueiredo.

¹⁶ A freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos abrange o atual município de Guarulhos.

direção (...). Em certas regiões recuadas do Estado, identificamos esses primeiros povoados brasileiros por seu nome de ‘aldeia’ ou de ‘missão’(...)” (STRAUSS, 2001, p. 107). Provavelmente, inclui-se nesse cenário a luta interna entre fazendeiros e o mesmo podemos dizer acerca dos índios que optavam por resistir e não aceitar a dominação.

Na Freguesia de Conceição dos Guarulhos, ainda existia o agravante da população indígena migrar para outras regiões, acrescentando ao complexo processo de ocupação e produção o esvaziamento de mão-de-obra. Nesse sentido, Pasquale Petroni salienta que:

“desde a sua criação, o aldeamento de Guarulhos foi objeto de uma sistemática sangria de seus efetivos demográficos. (...) Em maio de 1669, pedia-se, na Câmara, que se chamasse a atenção do capitão de Guarulhos, tendo em vista que se tinha notícia de que os indígenas se iam ‘despejando da dita aldeia de nossa senhora da conceição, em que stão setuados a muitos anos os coais se vão pasando pêra cajúsar ou atubaia” (Sessão de 5 de maio de 1669, Atas da Câmara de São Paulo, v. VI, p. 160. In: PETRONI, 1995, p. 344).

A combinação desses diversos fatores: a ocupação de terras indígenas, a formação do aldeamento, a vasta utilização de mão-de-obra indígena e as diversas formas de conflitos, produtos desse processo, contribuem para a leitura da introdução da imagem da santa em Bonsucesso considerando seus oragos.

A expulsão dos jesuítas resultará na ausência de atendimento religioso, propiciando a constituição de vivências particularizadas que perpassam formas de criação de relações simbólicas de expressão de devoção. Soma-se ainda a esses dados o forte processo de miscigenação¹⁷, que irá introduzir nesse cenário os caboclos e mamelucos, induzindo a incorporação e a recriação de antigas práticas pagãs e profanas no culto do catolicismo.

Nossa Senhora do Bonsucesso também era invocada como protetora dos bens terrenos, devido ao êxito de uma das primeiras “bandeiras” que foi responsável por descobrir as ricas jazidas de ouro no sopé de Itacolomi, atual cidade de Ouro Preto. O Padre João de Faria Filho, do mesmo hábito de São Pedro e devoto de Nossa Senhora, tomou parte nessa “bandeira”, a qual tornou a santa muito popular, como nos conta Megale: “seu culto tomou grande incremento, espalhando-se pelo Vale do Paraíba e na região das Minas Gerais”.

¹⁷ A historiografia local aborda a questão do amalgamento, “já não ninguém distinguia os índios (...). A miscigenação e a absorção dos guaianazes pelos usos e costumes europeus realizaram a sua obra social em toda a plenitude” (RANALI, 1986, p. 219).

Segundo Megale, o orago de Nossa Senhora do Bonsucesso ganha mais um significado com a descoberta do ouro e ela passa a ser cultuada como protetora dos bens terrenos. Essa mistura de religiosidade e artimanhas para a posse de terras, controle de índios e riqueza nos leva a compreender o fato de a Capela ter tido, em sua história, alguns benfeitores que a mantiveram e conservaram de tempos em tempos, como é o caso da Família Cubas e, posteriormente, da Família Bueno, entre outras.

Por fim, para esgotar essa questão precisamos destacar o fato de que, pela área central de Bonsucesso, passava um dos ramais que saíam da “Estrada Geral”, construída no início do século XIX, ligando-o a outros ramais, como o das Lavras Velhas do Geraldo e o das Catas Velhas, posteriormente, estendendo-se até Nazaré, passando pelo Bairro da Capelinha e Tapera Grande, do Tanque Grande na Serra do Bananal e indo até Mairiporã. “Esses ramais demonstram a importância da antiga ‘Estrada Geral’ como eixo de ligação e penetração” (SANTOS, 2004, p.48).

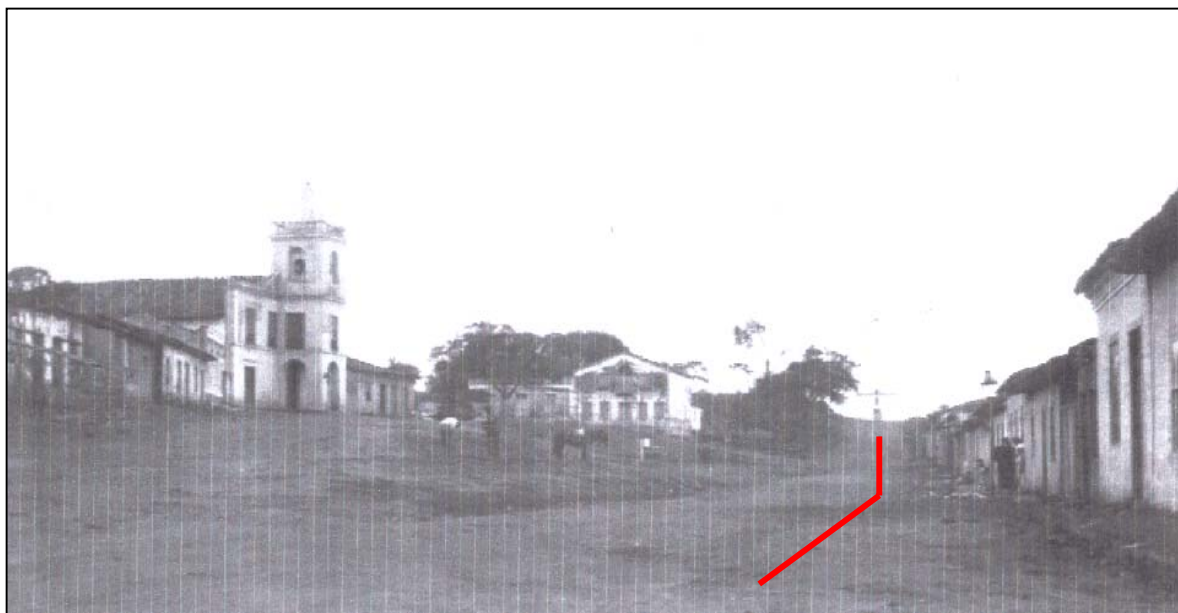


Foto 3 - Núcleo central de Bonsucesso. À direita, vemos o edifício da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, ao lado e abaixo, a antiga Casa dos Romeiros, ao fundo, a Igreja de São Benedito dos Homens Pretos, edificada em 1875, do lado esquerdo, moradias simples que evidenciam a característica popular do lugar. A imagem mostra também um dos ramais que saíam da Estrada Geral, passando pela área central de Bonsucesso, ligando-o na seqüência a outros ramais, como o das Lavras Velhas do Geraldo, o das Catas Velhas e, posteriormente, o de Nazaré Paulista e Mairiporã. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** desconhecida. **Data:** provavelmente primeira metade do século XX.

A descoberta das minas atraiu um grande fluxo de gente para o lugar. A condição de haver um caminho para essas minas fez do núcleo de Bonsucesso um lugar de pousada de tropeiros e viajantes, como passagem para as recém-descobertas minas de ouro na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, e serviu também de porta de

entrada para o interior, rumo a Nazaré Paulista, Mairiporã e, provavelmente, para o Vale do Paraíba.

A região aurífera da freguesia de Nossa Senhora da Conceição localizava-se muito próxima ao núcleo de Bonsucesso, formando-se ao longo do Rio Baquirivu. O processo exploratório, a partir de 1590, num lugar conhecido como “Lavras Velhas do Geraldo”, provavelmente deriva da sesmaria concedida a Geraldo Correia Soares “que ficou conhecida como ‘Minas do Geraldo Correia’ ou Minas Velha, posteriormente, ‘Mojolo de Ferro’ e atualmente Bairro do Morro Grande” (SANTOS, 2004, p. 32).

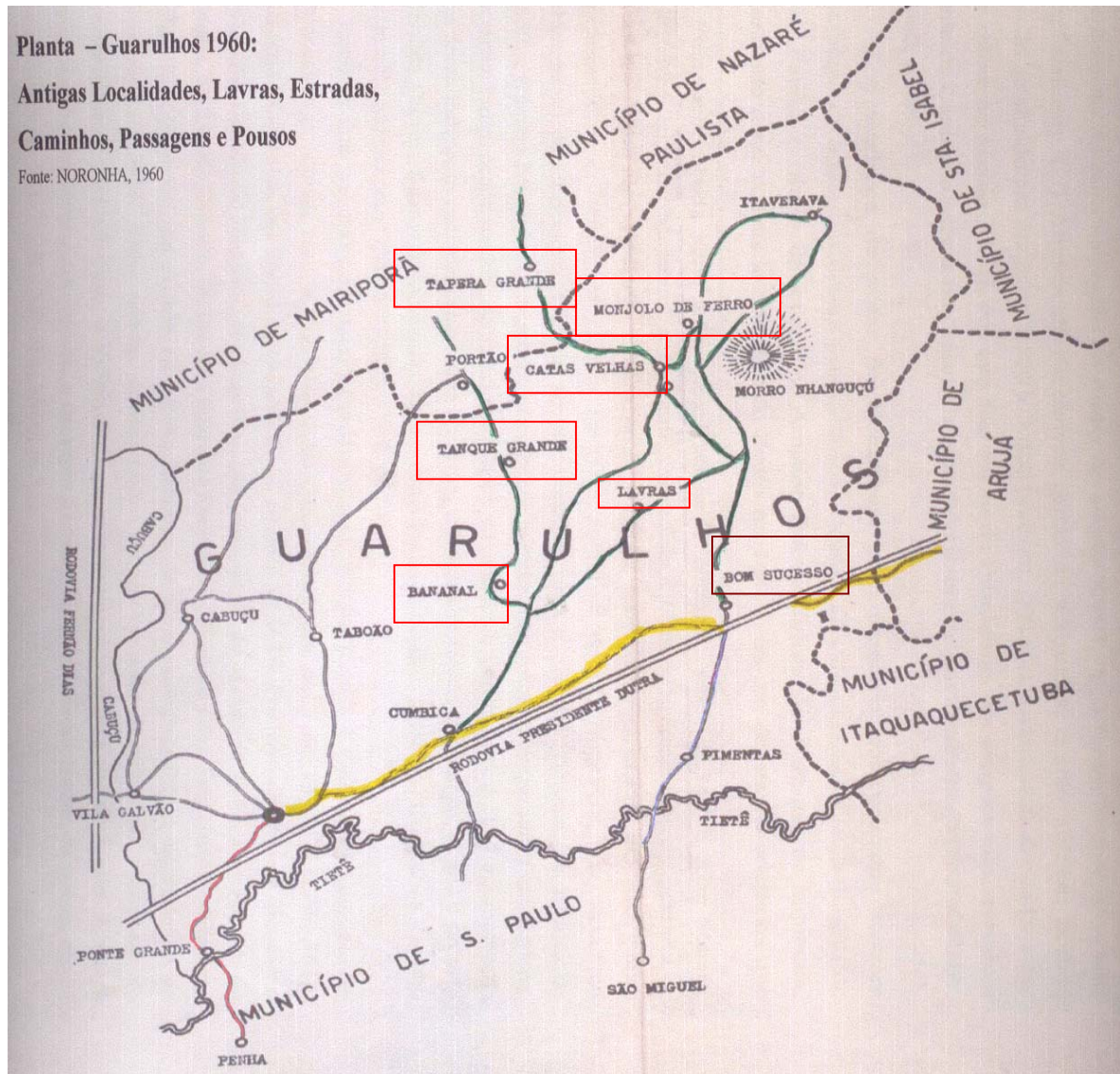
No território onde atualmente fica o município de Guarulhos, existiram outras lavras além desta e a perspectiva da exploração do ouro atraiu diversos colonizadores para a região, desencadeando um movimento de apropriação das terras do aldeamento de Conceição. Esse movimento não atinge de imediato o aldeamento de São Miguel, pois ainda era possível encontrar, em meados do século XIX e começo do século XX, informações nos livros de aforamento dessas terras, como as que citamos no início deste capítulo. O mapa a seguir mostra a proximidade da região aurífera do núcleo de Bonsucesso, conforme a seguinte descrição:

“Segundo Adolfo de Vasconcelos Noronha, existiam ‘pelo menos seis lavras auríferas em território guarulhense que se localizavam em pontos diferentes de uma vasta área, compreendendo algumas dezenas de quilômetros quadrados’ abrangendo os ‘bairros das Lavras, Catas Velhas, Mojolo de Ferro (este deve ter sido a chamada Lavras Velhas do Geraldo), Campo dos Ouros, Bananal e Tanque Grande” (SANTOS, 2004 p. 32. In: NORONHA, 1960, p. 36).

A vinda dos colonizadores, as crescentes medidas de proteção ao índio e as suas constantes fugas contribuem para o surgimento e a fixação na região da mão-de-obra negra, fundamentada no trabalho escravo. Segundo Noronha, com o fim da exploração do ouro houve uma grande diminuição da presença negra na região, porém, um grande número de escravos que servia nas propriedades rurais ainda permaneceu. Ainda segundo Noronha, a presença negra na Freguesia não pôs fim ao uso da mão-de-obra indígena:

“nos fins do século XVIII, muitos negros daqui se foram, acompanhando os seus senhores (...). Assim mesmo, continuou a ser relativamente grande o número de escravos nessas plagas. O tombamento das propriedades rurais da Capitania de São

Paulo, feito em 1817, registrava 183 escravos na freguesia da Conceição dos Guarulhos, pertencentes a 28 lavradores” (NORONHA, 1960, p. 45).



Mapa 2 – Em destaque, os bairros de Guarulhos que anteriormente formaram a região de exploração de ouro.

Neste capítulo, procuramos apresentar algumas referências da formação do bairro de Bonsucesso e centramos boa parte na relação da Capela com a posse de terras e índios. Buscamos também a presença do negro. As poucas referências sobre a escravidão negra em Bonsucesso aparecem no levantamento feito pelos capitães Francisco Leandro Leme de Moraes e José de Almeida Ramos¹⁸, que cita Bonsucesso com três propriedades rurais no final do século XVIII.

¹⁸ Os dados sobre a presença negra foram retirados do livro *Guarulhos Cidade Símbolo*, NORONHA &

Sendo a Capela de Bonsucesso objeto de interesse das famílias abastadas, certamente a presença negra vai alavancar a construção da Capela de São Benedito dos Homens Pretos, construída no ano de 1873 para atender às necessidades religiosas de negros e índios. Provavelmente a data seja mais antiga do que a registrada, pois, segundo dizem os moradores mais antigos do bairro, há no seu entorno um cemitério de escravos e índios.

Nosso objetivo foi traçar um paralelo entre a ocupação do lugar e os respectivos oragos de Nossa Senhora do Bonsucesso. Entretanto, as fontes ocultam os anônimos, reservando sua aparição nas entrelinhas da vida do lugar. A data da construção da primeira capela é difusa e as fontes nos contam que, de tempos em tempos, alguma família abastada a adotava por interesses que combinavam controle e devoção. Aparentemente, a concepção do uso da capela voltado aos interesses de dominação prevalece em primeiro plano.

Mas nos interessa especialmente o “não dito”. A capela, ao longo dos séculos, demonstrou uma importância central como elemento unificador e, ao seu redor, construiu-se a longa tradição da festa como um espaço de encontro dos moradores, devoção e manifestação religiosa dos anônimos com práticas diferenciadas, devido à particularidade da formação e da ocupação do lugar.

Encontramos, no primeiro livro de tombo da Catedral da Sé¹⁹, as primeiras anotações sobre o acontecimento da festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso, as quais não são muito esclarecedoras em relação ao seu contexto. São apenas solicitações de autorização para realizá-la. Apesar de existir uma solicitação anterior do ano de 1906, optamos por transcrever o pedido feito em 1907²⁰, por estar mais completo:

“Exmo Monsenhor D. Francisco de Paula Rodrigues. DD. Vigário Geral do Bispado de São Paulo.P.P.S. Paulo 21 de Agosto de 1907

Exmo Monsenhor.

Tendo-se de celebrar uma missa no dia 25 do corrente na Capella de Nossa Senhora do Bonsucesso, filial a Parochia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, e desejando que no mesmo dia possa sahir a procissão na rua com as imagens, como de costume; Vem requerer a V. Excia. Revma. Se digne a conceder a competente provisão.

ROMÃO, 1960, p. 45.

¹⁹ Livro de Tombo da Catedral da Sé de 1554 a 1895.

²⁰ Com o mesmo teor, nesse mesmo ano no mês de abril foi solicitada autorização para a realização da festa de São Benedito. Seguem a estas outras solicitações, referindo-se aos anos de 1908, 1910, 1911, 1913, 1914 e subseqüentes. A diferença em relação à solicitação de 1907 é que quem fica encarregado de organizar as festas é um festeiro e não o vigário da Matriz.

É do Deferimento

ERVM.

Parochia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos

20 de agosto de 1907

o Vigário Pe. Manuel Garcia.”

O termo “**de costume**” nos interessa particularmente, pois indica a tradição da festa e dá a ela o sentido de antiguidade. Esse conjunto de informações revela a permanência da festa ao longo dos séculos. A Igreja a reconhece oficialmente em 1741, mas o conjunto das fontes pesquisadas comprovam que a Capela ocupava uma posição de importância bem anterior a essa data. O que transparece, principalmente a partir de 1906, é uma ação de intervenção por parte do clero, pois a época condiz com o processo de “romanização do catolicismo no Brasil”²¹ e tem como aspecto central impedir a continuidade das manifestações tidas como pagãs e profanas, construídas durante os séculos anteriores.

O que podemos apreender desse processo de formação de Bonsucesso está naquilo que as fontes não dizem acerca dos períodos de interregno entre a intervenção das famílias abastadas sobre a capela. A prova de fé das famílias abastadas, os interesses políticos e econômicos não parecem suficientes para dar resposta à longa permanência da Capela, desde o aparecimento do aldeamento até os dias de hoje.

Cabe considerar a hipótese de que, nesses períodos de interregno, a Capela servia como elemento aglutinador das várias etnias que habitavam o lugar, constituindo um espaço vivo de criação e recriação de representações simbólicas da fé. O constante estado de abandono físico da Capela, comprovado em vários momentos pela documentação, responde somente pela falta de posses materiais da maioria dos moradores do entorno e arrabaldes da Capela. No entanto, a decisão em intervir através de reformas demonstra o tempo todo a sua importância e reafirma a sua condição de espaço de articulação dessas camadas populares.

²¹ “O processo de romanização é constituído de um conjunto de medidas que foram resultado de uma maior aproximação da Igreja católica brasileira das doutrinas mais ortodoxas de Roma. Esse processo, que se iniciou a partir da segunda metade do século XIX, teve desdobramentos diversos a partir do final do século XIX e influenciou importantes redefinições para as manifestações do catolicismo popular. (Fragoso, 1985). Trata-se do primeiro momento de interferência direta de eclesiásticos em práticas leigo-religiosas, toleradas, até então, por esta instituição. O Concílio Vaticano I, em 1869, foi o ponto de partida para esse processo, que se fortaleceu a partir do fim do Padroado Régio em 1890, no início da época republicana, com a separação do Estado da igreja Católica e se estendeu até os anos 30 do século XX. Durante esse período as manifestações do catolicismo popular, entre elas as folias do Divino, se tornaram alvo de críticas e proibições dos párocos representantes dessa política romanizadora. A partir daí a relação entre Igreja, Estado e sociedades locais tornou-se ambígua, pois ao tentar modificar algumas práticas existentes em tais rituais, a Igreja entrou em confronto com famílias, Irmandades leigas e políticos influentes ao mesmo tempo que estabelecia alianças, acordos e concessões com eles, na busca de espaço e autonomia” (SILVA, 2000, p. 93).

Ainda que a pesquisa direcione para o entendimento de que a devoção à santa tenha se dado a partir da fé das pessoas importantes e associe a Capela aos interesses dessas mesmas pessoas, a voz dos anônimos se faz ouvir na lenda de que a imagem da santa foi encontrada, não se sabe por quem, num local diferente de onde foi construída a Capela. A narrativa popular consagra a versão de que foram feitas várias tentativas de construir a capela no lugar conhecido como Taquaral, onde a imagem apareceu pela primeira vez. Ocorre que durante a noite a imagem desaparecia e reaparecia na colina onde acabou por ser erguida a Capela, sendo esse considerado o primeiro milagre da santa na região, o que deu à terra do lugar o *status* de milagrosa, por manifestar o poder de cura e benevolência da santa.

1.2. A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DO SAGRADO

Com a chegada do Padre Celestino, no início do século XX, inauguram-se ações visando a acabar com as práticas religiosas consideradas pagãs, profanas e sem decência, inaceitáveis para os padrões da Igreja, que, naquele momento, passava pelo processo de romanização. Foi estabelecido, com a sua chegada, uma luta intensa contra a imoralidade e a falta de educação religiosa do povo, objetivando impor medidas “saneadoras” para a “boa prática cristã”.

Em 1913, Padre Celestino constata novamente que a igreja encontrava-se em total estado de abandono, mas ele também ressalta a reforma e ampliação, executadas pelo Padre João Vicente Valadão (vigário) e pelo Dr. João Bueno (fabiquireiro) “que [a] deixaram como actualmente se encontra, ampla, arejada, e bem conservada, sendo digno de nota a sua limpeza e decência”.²² As palavras “limpeza e decência” não deixam dúvidas quanto ao fato de que o lugar antes se encontrava inadequado para o exercício da “boa prática cristã”. A fala do Padre Celestino, mais do que se referir aos cuidados com a Igreja, faz uma crítica aos modos, costumes do povo do lugar e práticas religiosas.

Padre Celestino, ao descrever a vida religiosa, segue a lógica que permeia esse processo de romanização, destacando as vivências e práticas locais, como vida em pecado e falta de educação cristã. Justifica esse ponto de vista, sobretudo quando descreve a vida em comum sem o casamento formal, a cachaça, as brigas, as diversões locais e as festas religiosas.

²² Relatório do Padre Celestino, que consta do Livro de Tombo III, pp. 5V a 6V. Arquivo da Cúria Diocesana de Guarulhos.

Sendo esse relatório o documento mais antigo que encontramos sobre as tradições populares em Guarulhos, ele nos permite reconstruir os costumes e as formas de prática dos atos religiosos locais no início do século XIX. Ao mesmo tempo, é singular a sua capacidade de demonstrar a força e a disposição da Igreja Católica em opor-se a eles. A transcrição segue a ordem do documento, respeitando a sua composição, ou seja, primeiro, o “estado espiritual”, em seguida, as “relações matrimoniais”, e, por fim, as “diversões”. Ao longo do relatório, todas essas instâncias são incluídas como transgressões que precisam ser combatidas:

“Estado espiritual: Era lamentável o estado espiritual d' esta parochia, quando aqui cheguei. Os actos de piedade eram a princípio muito pouco concorridos, e ao Santo Sacrificio da Missa, celebrada em Domingos, e dias santificados, assistia sempre um limitadíssimo número de fiéis. O número de catholicos práticos era quase nullo, sendo bem palpável a indiferença e tibieza que se apadesou d' este povo durante os seis longos annos que ficou sem vigário effectivo. Durante os três últimos meses d'este anno de mil nove centos e doze (1912) approximaram-se da mesa Eucarística somente cincoenta (50) fiéis²³.

Hignorância da doutrina Catholica era geral crassa, supina até, sendo digno de lastima ver as tenras criancinhas, essas vergôntes que são as a esperança do futuro, e homens de amanhã, ignorarem os mais treviaes deveres e ensinamentos catholicos. Um tão grande mal só pode attribuir-se ao desleixo e falta de zelo, extremamente sensuraveis da parte de seus Paes”.

Nota-se aqui uma referência significativa à ignorância católica do povo, o que certamente serve de testemunho da doutrina do catolicismo oficial, pois não se podiam considerar como práticas religiosas as festas religiosas, como a de Bonsucesso, as festas do Divino na Igreja Matriz de Guarulhos e muitas outras nas redondezas do município, tais como Penha, Nazaré Paulista e Mogi das Cruzes, lugares tão antigos como Guarulhos e formados ao redor de Capelas.

A ausência da instituição da Igreja se fazia notar quando o povo construía suas maneiras de praticar a fé. Somente uma forte intervenção da Igreja, sedimentada nos padrões romanos e atacando duramente a maneira como o povo processava sua devoção, poderia obter resultado.

Essa estratégia será utilizada nas aulas de catecismo com a cobrança dos pais quanto à formação cristã e “moral” das crianças. Dessa forma, Padre Celestino procurou

²³ Segundo dados oferecidos pelo próprio Pe. Celestino, a população total de Guarulhos era de 7000 habitantes, incluindo o bairro de Bonsucesso.

restabelecer o seu sentido de ordem e vida digna, devido a uma pretensa falta de educação e, por ser povo humilde, ignorante e carente de educação católica.

“No principio dava apenas aulas de catecismo aos domingos e dias santificados; pouco depois, porém, vendo que as crianças pouco aproveitavam, achei que seria de mais proveito e aproveitamento dar as aulas de catecismo diariamente, o que fiz, dando felizmente o resultado previsto. As crianças, não obstante a irregularidade da frequência às aulas de catecismo, tiraram algum resultado, e assim pouco a pouco iam recebendo a educação religiosa de que tanto careciam.

Mais eficazes seriam esses resultados se os Paes, cónscios das mas graves responsabilidades, obrigassem seus filhos a frequentar assiduamente essas aulas de moral religiosa, como seria para desejar.

Verifiquei, outrossim, desde o inicio da minha missão de vigário d' esta parochia, serem não poucos os abusos que praticava o povo humilde e ignorante d' esta parochia”.

O comportamento do povo, segundo Padre Celestino, era totalmente reprovável. As missas de domingo não constituíam um espaço de religiosidade, eram e, de certa forma, ainda são um espaço de sociabilidade, de encontro de pessoas. Sendo a Igreja um lugar privilegiado na cidade, era próprio que também fosse utilizada para outras finalidades, entre elas, Padre Celestino fala da realização de negócios.

“O pouco respeito nas Igrejas - onde o povo, quer antes, quer apóz as cerimônias religiosas, e ainda mesmo, não raras vezes, durante as próprias cerimônias, conversava em voz por vezes elevadas, já fazendo cumprimentos, já tratando de coisas impróprias d' esses lugares santos, e até ocupando-se dos próprios negócios, abusando assim escandalosamente dos Templos de Deus, e ocasionando a interrupção dos exercícios da piedade.

Esse abuso, porém pouco a pouco foi sendo expurgado, e actualmente nota-se a gravidade e o respeito devidos às Casas de Oração, e jamais se presenciam esses abusos que tanto escandalisavam.”

Ao citar as infrações de maior gravidade no seu entendimento, enfatiza as manifestações da cultura religiosa popular. A Folia de Reis, a Congada, a Reza de São Gonçalo são tradições arraigadas e fazem parte do acervo cultural dos caboclos e das regiões rurais, essa prática “profana” requer do padre um esforço, que se mostra inútil ao tentar impedi-las.

Se, em algum momento, foram toleradas as manifestações sincréticas, como forma de controle social e ideológico, o processo de romanização pelo qual passava a Igreja católica no Brasil não mais permitiria essas práticas.

Padre Celestino descreve cada uma das manifestações que encontra e trata de demonstrar como elas são perniciosas para a prática e a moral religiosa. Reconhece o caráter tradicional em cada uma delas, mas procura qualificá-las como desrespeitosas e como produto de gente selvagem, numa referência ao caboclo por seu modo de vida e valores que se distinguem da vida urbana na Capital.

As manifestações citadas por Padre Celestino são as Folias de Reis, a Dança de Santa Cruz, a Dança de São Gonçalo e as Rezas na roça. Em maior ou menor grau, ele procura desqualificá-las, pois envolvem tambores, pinga, danças, cantorias e brigas. Ao citá-las, ele descreve como eram praticadas:

“A Entrada da ‘Folia’ nas Igrejas - Por ocasião da festa do Divino Espírito Santo, fazem ainda aqui a tradicional "folia" cantando, acompanhados por violões e tambores, a chamada "alvorada" não obstante haver sido proibida pela Auctoridade Eclesiástica.

Depois de percorrerem várias ruas da cidade, commettiam o abuso inqualificavel, de entrar na Igreja, cantando assim d'essa maneira irrisória e somente própria de povos selvagens, as suas orações.

Proibi terminantemente esse abuso, e apesar de ocasionar não pequenas indisposições, não mais se repetiu tal facto. Quis, cumprindo escrupulosamente as disposições de S. Excia Revma o Senhor Dom Duarte Leopoldo e Silva, acabar com esses busbescos passeios da "folia" pelas ruas, mas não me foi possível, devido à pouca energia das auctoridades policiaes”.

A postura do Padre Celestino condiz com o objetivo de acabar com as manifestações da cultura popular religiosa em Guarulhos. A indicação do êxito parcial dessa atitude pode ser comprovada ainda nos dias de hoje, principalmente nos dias da festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso e nos período natalinos, quando as folias continuam a sair pelas ruas. Provavelmente, a resistência se fez porque essa tradição tem longa data e está enraizada no lugar. Mas não entendemos de forma alguma que essa resistência fosse consensual, pelo contrário, deveria desagradar muitos moradores, por serem as festividades consideradas “profanas e atrasadas”.

“Dança de Santa Cruz - Esta dança que fazem em algumas capellas da roça, e que dura toda a noite do dia de Santa Cruz, é também um dos abusos d' este povo habituado ainda aos costumes selvagens. É um costume aparentemente respeitoso, mas que dá lugar a cenas pouco honestas e

por vezes escandalosas, devido à promiscuidade de (...) ²⁴, e que termina não raras vezes, em desordem e brigas. Apesar de ter empregado vários meios para acabar e extinguir esse abuso, nada grande consegui ainda, porque essas danças se realizam em capellas um pouco afastadas, onde não tenho possibilidade de intervir direta e pessoalmente.

Dança de S. Gonçalo - É este também um costume desordenado d' este povo. Essa dança não se realisa em epochas determinadas do anno, mas somente quando alguém faz tal promessa a S. Gonçalo, dando assim ocasião, a haver por vezes um sem numero d'essas danças por anno. É tal o fanatismo d'este povo que, sempre que fazem essa promessa, à cumprem quer consigam o que desejam, quer não. No primeiro caso fazem-na para agradecer a S. Gonçalo a sua suposta intercepção, no segundo caso é, dizem elles, para que S. Gonçalo os não castigue. Nada grande consegui ainda para extinção d'este abuso, e falta de respeito para com esse santo da Nossa Santa Igreja.

Rezas na roça - Há também o costume de, em quase todos os sábados e domingos à tarde e à noite, se reunir, ora aqui, ora alli, a população d' alguns bairros mais próximos, para fazerem as suas rezas. Ahi n' essas pobres capellas, n' essas humildes hesmidas, longe de se ouvirem rezas somente se escutam as cantilenas monótonas d'esse povo roceiro.

N'essas rezas, cantadas monótonas e desafinadamente, não falta, de maneira alguma, a necessária e indispensável pinga (Caninha). Também pouco tenho conseguido com os vários meios que tenho empregado, para exterminar esses verdadeiro cancro social.”

Sobre as relações matrimoniais e a vida em concubinato, Padre Celestino age com muita severidade e caracteriza essa população como de pecadores públicos. O fato é que ele não reconhece como hábito cultural próprio sertanejos.

“Peccadores públicos: Não é pequeno, o número de peccadores públicos que há n' esta parochia. Uns vivem escandalosamente, à sombra da chamada lei do casamento civil; outros, porém vivem em escandalosa mancebia, com menosprezo das leis da Igreja e do Estado. Calculo em vinte e poucos, esses peccadores públicos, que tão dignos são de lastima, e por quem peço a Deus que lhes conceda graças extraordinárias para, abandonando essa vida de escândalos, deixando esse caminho da perdição, poderem gosar a vida santa e pura do lar legal e christãmente constituído”.

A intervenção da Igreja sobre as manifestações populares tradicionais do catolicismo visa a eliminar práticas profanas da religião, mas como não foi possível eliminá-las serão posteriormente incorporadas. Atualmente tanto no dia da Carpição como na Festa

²⁴ Trecho ilegível.

em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso, o sagrado e o profano estão integrados e ocupam os mesmos espaços.

Quando Padre Celestino se refere às diversões fica mais uma vez evidente a relação entre a religiosidade e a festa popular. Durante os dias da Festa em Bonsucesso, é comum aparecer alguma congada, pois através da dança e da cantoria os participantes demonstram sua devoção.

“Principais diversões: São varias as diversões a que se entrega este povo, sendo dignas de nota a que abaixo indico:

1º) Congada - que consiste si uma dança de guerreiros do rei do Congo (d' onde toma o nome), e de João II, rei de Portugal. Formam a dança do seguinte modo: num largo, o mais amplo possível, ficam sentados vis-a-vis, em cada uma das extremidades o D. João e o rei do Congo, os guerreiros formam em duas alas, ocupando espaço intermédio. Uma vez principiada a dança vão emissários de D. João conferenciar com o ‘rei do Congo’ e a viceversa, no desempenho de cuja missão dirigem mutuamente ameaças guerreiras que são cantadas em versos de pé quebrado que por vezes, provocam a hilaridade, fazendo sim a bandeiras despregadas. Termina esta dança com a prisão do ‘rei do Congo’.

Um facto curioso, que eu presenciei n' esta dança e que me provocou o riso, é que para ‘Rei D. João’ escolhem sempre um preto, que ataviam com umas insígnias imitando as do Rei de Portugal, e os seus guerreiros vestem trajes selvagens berrantes; para ‘Rei do Congo’ ao contrario, escolhem um branco, a quem enfeitam com vistosas e extravagantes vestimentas, e os seus guerreiros apresentam-se vestidos com roupa de cor azul e branca.

Por este facto se depreende que esta gente nada compreende d' esta dança e não faz a mais pequena ideia dos compassos que tomam parte e figuram n' essa dança, mostrando outro sim ignorar os feitos brilhantissimos que os portugueses praticaram nas tropicais terras africanas.

2º Batuque e 3º Bate-pé que são danças populares do gentio da África, e do Brasil, as quais apesar da parcimonia dos movimentos, e da monotonia que as caracteriza, não deixam de ser interessante pela maneira violenta e estrondosa como batem os pés descalços no chão. Não faltam n'essas danças o violão desafinado e o tambor roufenho.

É bem provável que o Bate-pé citado seja uma variação do Catira, cujos movimentos seguem ao ritmo da moda de viola e do recortado. O catira, quando se apresenta na festa de Bonsucesso, é sempre recebido com muito entusiasmo pelos freqüentadores, juntamente com o Catira, as duplas sertanejas de musica raiz ou as duplas caipiras obtém o mesmo sucesso.

Na festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso e no Dia da Carpição, as manifestações profanas e as sagradas constroem o entendimento de ali ser um local de manifestações tradicionais do catolicismo popular. A festa é um espaço privilegiado de devoção, mas não se reduz a isso. Segundo Maria Clara Tomaz Machado, as festas e as manifestações religiosas constituem-se como espaços de sociabilidade:

“As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, verdadeira expressão comunitária, sobretudo nas regiões rurais com os seus engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos”.

As procissões e festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e divertir” (MACHADO, 2000, p. 53).

Padre Celestino não inaugura a intervenção do catolicismo na Capela nem provavelmente, na Festa de Bonsucesso. Os documentos apontam outros padres que o antecederam. Havia também os fabriqueiros designados pela Cúria Diocesana da Catedral da Sé e os festeiros. Mas a sua chegada, no entanto, será responsável por um deslocamento das atenções do catolicismo oficial para ela.

Algumas informações coletadas junto ao I Livro de Tombo da Catedral da Sé indicam uma movimentação da Igreja rumo a Bonsucesso. O documento de foro emitido a favor da Igreja se deu em 15 de agosto de 1895, coincidindo com o momento da realização da festa. Em 1879, foi solicitada a compra de uma pia batismal para a capela e, em 20 de julho 1908, ficou autorizada a realização de casamentos e batizados, portanto, a um mês da sua realização. É provável que essas fossem ações deliberadas, buscando uma aproximação da Igreja com os devotos e moradores do lugar.

É também no início do século XX que começam a aparecer no livro de tomo as solicitações para a realização da festa e da procissão. Ainda assim as informações são parciais, pois não conseguimos obter dados que identificassem os responsáveis pela Igreja nos anos de 1906, 1908 e 1910. Também não constou do livro nenhuma referência da festa no ano de 1909. Seguem no quadro abaixo alguns exemplos:

Autorização	20/08/1906	sem informação	sem informação
Autorização	09/04/1907	Pe. Francisco Manuel Garcia (vigário)	sem informação
Prot. 104	25/08/1908	sem informação	Festeiro
Prot. 15	06/09/1910	sem informação	Festeiro
Prot. 676	25/08/1911	Pe. José Affonso (vigário)	Penha de França
Prot. 1866	04/07/1912	Pe. José Affonso (vigário)	Penha de França
Prot. 9669	18/08/1913	Pe. Lourenço S. Passionista (vigário)	Matriz
Prot. 13843	30/05/1914	Pe. Celestino (vigário)	Matriz
Autorização	29/07/1915	Pe. Celestino (vigário)	Matriz
Prot. 9656	08/08/1916	Pe. Celestino (vigário)	Matriz
Prot. 10871	17/05/1917	Pe. João Pedro Fusenig	sem informação

Uma leitura desatenta dessas fontes pode remeter para o entendimento de que essa festa constitui-se num fato sem importância. No entanto, a sua permanência ao longo dos séculos e a posição estratégica da Capela no processo de formação do bairro de Bonsucesso desconstrói essa interpretação.

O aparente desinteresse da Igreja em demonstrar o contexto sociocultural da festa provavelmente corresponde a uma posição de negar ou não reconhecer a ocorrência de manifestações sincréticas profanas e pagãs. Limitar-se às anotações acerca dos pedidos de autorização para realização da festa e da procissão carregando as imagens pelas ruas do bairro surge como uma estratégia para valorizar o contexto do sagrado.

A historiografia tradicional de Guarulhos relata a festa, mas toma por base a interpretação do Padre Celestino²⁵, sobretudo, acerca da falta de educação religiosa dos moradores de Guarulhos. Ranali, ao caracterizar os fiéis que acreditam no poder milagroso da terra ao redor da Igreja, o faz, distinguindo-os das pessoas que vivem nas zonas urbanas das cidades:

“Durante o ano, os **caboclos**, quando atormentados por qualquer mal, fazem as suas promessas, garantindo cumpri-las na carpição de Nossa Senhora de Bom Sucesso (...). É **pitoresco** notar-se, às vezes, no meio da fila dos caboclos, um animal, com o seu dono ao lado e tendo, em

²⁵ “João Ranali e Gasparino Romão escrevem sobre ele: “[e]sse religioso culto e perspicaz, senhor de uma redação escurra e estilo adequado à visão dos fatos e receptiva percepção, além de reviver episódios que, não fosse por ele, poderiam estar hoje esquecidos (...). Só o Padre Celestino que teve uma convivência estrita com a nossa gente, teria sido capaz de experimentá-las para, ao depois, promover um perfeito registro histórico’ (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 58)” (SANTOS, 2004, p. 69).

determinada parte do corpo, encostado, o "milagroso" punhado de terra carpido” (RANALI & ROMÃO, 1985, p. 40-41).

A construção desse território sociocultural, em que o sagrado e o profano são expressões da cultura dos caboclos parece desagradar tanto a ortodoxia católica trazida pelo Padre Celestino, como também os memorialistas da cidade de Guarulhos, que enaltecem versões dos eventos partilhadas com o clero. Quando obrigados a reconhecer outros sujeitos sociais, no caso, cantores, dançarinos e mascates que participam da festa, procuram enquadrá-los como pitorescos, divertidos, algo para se achar graça.

Na imprensa oficial da cidade de Guarulhos da primeira metade do século XX, há também um vazio de informações acerca da festa. Pesquisando nos poucos exemplares disponíveis no Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos, não encontramos nenhuma notícia. No entanto, não há dúvidas de que a festa representava e ainda representa um momento importante para o município e, principalmente, para o bairro de Bonsucesso, tanto por sua tradição secular, como também pelo grande número de romeiros e ambulantes, que para lá se dirigem.

Caberia também, por tratar-se de festa religiosa, constar anotações mais precisas nos registros da Igreja. Esses dados são importantes para esse trabalho, pois contribuem para confirmar a hipótese que temos acerca do processo de negação e intervenção do catolicismo oficial em curso. No entanto, o processo de intervenção do catolicismo oficial em Bonsucesso reaparece no início da década de 50, com a mudança do *status* da Igreja para condição de Paróquia: “[d]ivisas da paróquia de Bom Sucesso no decanato de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos criada em 1950”. (Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso, 1966, p. 1, verso).

Esse fato indica um movimento contínuo desde a chegada do Padre Celestino em 1912, provavelmente mantendo o pressuposto inicial de promover uma nova educação religiosa no município e, particularmente no bairro de Bonsucesso, por ocasião da realização da festa. Um conjunto de fotografias da década de 40 recolhidas entre os moradores mais antigos que mostraremos a seguir demonstra o vigor da festa e deixa evidenciada sua relevância como espaço de fé e devoção.



Foto 4. Reunião de fiéis em frente à Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso. **Data:** década de 40. **Autoria:** desconhecida. **Fonte:** Moradores do bairro (não identificados).

A imagem nos mostra o adro da Igreja densamente ocupado por fiéis, no meio da multidão, muitos usam chapéus típicos do costume caipira, uma das principais marcas da festa ainda hoje.



Foto 5. Procissão. Destaque para as autoridades religiosas. **Data:** década de 40. **Autoria:** desconhecida. **Fonte:** Moradores do bairro (não identificados).



Foto 6 e 7. Vista da Casa dos Romeiros e Casa Paroquial. Não mais existentes. **Data:** década de 40. **Autoria:** desconhecida. **Fonte:** Moradores do bairro (não identificados).²⁶

²⁶ Fotos. ARAUJO, Marli de Almeida. "Redesenhando Bonsucesso". Trabalho de Graduação Interdisciplinar. UNG. Curso de Arquitetura. 1987.

No começo da segunda metade do século XX, em junho de 1966, pouco antes da festa, foi indicado o primeiro vigário fixo na paróquia, o Padre Carlos Spaniol. Esse fato marca decisivamente a presença do catolicismo oficial em Bonsucesso e região e passa a compor o cenário da festa. Até então, rezava-se uma missa por mês no último domingo.

Nessa mesma época, surgem matérias na mídia impressa local. Após seu longo “esquecimento”, a festa ganha páginas inteiras nos jornais. Em geral elas ressaltam a tradição da festa, recorrem à historiografia local, entrevistam e citam as obras dos memorialistas²⁷, fotografam e destacam a presença de gente simples e humilde. Falam da fé e da devoção popular.

O jornal Tribuna da Cidade é exemplar diante dos demais, quando, em 1969, lança uma edição especial dedicada aos “populares festejos de Nossa Senhora do Bom Sucesso, realizados anualmente no município de Guarulhos”. Ressalta que “para nós guarulhenses, trata-se de data bastante importante, pois marca mais uma tradicional festa de Nossa Senhora do Bonsucesso”. Segue a matéria: “[t]odo mês de agosto é dedicado a estes festejos realizados no bairro de Bonsucesso, quando para ali, anualmente se deslocam milhares de fiéis num testemunho impressionante de fé e humanismo” (Tribuna da Cidade, 02/09/1969, p. 1).

Nesse mesmo jornal, é publicada pela Câmara Municipal de Guarulhos a seguinte nota: “[n]o ensejo da tradicional Festa de Nossa Senhora de Bonsucesso, a Câmara Municipal de Guarulhos, por seu presidente e demais vereadores, saúda os moradores do populoso bairro, bem como os peregrinos que, vindos de todos os quadrantes de nosso estado, trazem à população guarulhense a mensagem de fé e esperança. Guarulhos”, assina a saudação o então presidente da Câmara, o vereador Moriô Sakamoto.²⁸

Entretanto, essa “visão de esplendor da festa”, noticiada com tanto entusiasmo pelo jornal e com sua importância tão acentuada pelos vereadores da Câmara Municipal de Guarulhos, parece distante do relatório do Padre Carlos Spaniol no ano de 1966, no qual ele se queixa da falta de compromisso dos grupos familiares:

²⁷ João RANALI, Adolfo de Vasconcelos NORONHA e Gasparino ROMÃO.

²⁸ Os vereadores do município de Guarulhos eram os seguintes: presidente: Moriô Sakamoto, vice-presidente: José Roberto Hatje; Antonio de Ré, 1º Secretário: Raimundo de Souza Trindade, 2º Secretário: Antonio Nabis Moreno, Antonio Petito, Antonio Ribeiro da Costa, Décio Pompêo, Elisio de Oliveira Neves, Elizo Rosignoli, Francisca Luzanira P. Candea, João Darcio Sacci, José Ribamar Matos da Silva, Mario Antoneli, Nefi Tales, Oswaldo Celeste, Oswaldo de Carlos, Eduardo Alarcom (suplente em exercício), Carlos Bastos Aranha (suplente em exercício), Antonio Grotkowski (suplente em exercício). Destes tornaram-se prefeitos Mario Antoneli, Nefi Tales e Oswaldo de Carlos.

“Na sede da paróquia tenho tentado reunir grupos de família para um estudo de religião. Não logrei êxito porque não se entendem, estão as famílias na grande maioria subdesenvolvidas profundamente e completamente acomodadas, não vêem e sentem problemas na vida. Não se interessam pelo progresso, porque dizem todos, que a Cúria é proprietária deste terreno todo. Bonsucesso velho é o maior problema na paróquia atualmente”. (I Livro de Tombo da Paróquia de Bonsucesso, 1966, p. 2, verso).

Duas questões se colocam a partir do relato do Padre Carlos Spaniol. A primeira se apresenta a partir da caracterização feita das famílias, descrevendo-as como sendo na sua “grande maioria subdesenvolvidas profundamente e completamente acomodadas”. Por trás desse discurso, revela-se um conflito entre as novas orientações religiosas trazidas pelo padre recém-chegado e o modo de vida do lugar. A referência ao progresso mostra a ligação do pároco com o processo de desenvolvimento da cidade de Guarulhos, que acontecia em níveis extraordinários, principalmente após o ano de 1951, com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra.

O núcleo de Bonsucesso encontrava-se à margem do desenvolvimentismo que atingia o município de Guarulhos. O bairro de Bonsucesso, especialmente o núcleo em torno da Igreja, é descrito pelo jornal *Correio do Povo* em 1976 (numa matéria especial sobre Bonsucesso sob o título “Um pequeno Paraíso Conhecido como Bonsucesso”) como “uma vila pacata e sem muito movimento, onde a única distração dos moradores é esperar pela festa do ano em homenagem à padroeira da cidade²⁹, Nossa Senhora do Bonsucesso (...)” (*Correio do Povo*, 19/06/1976, p. 3).

Esse mesmo artigo continua revelando outras características que marcam o pequeno núcleo e deixa transparecer a “visão de fora” sobre o lugar: “embora fique distante de Guarulhos cerca de 11 Km. (pela Via Dutra), Bonsucesso realmente lembra e muito as cidades provincianas do século passado”.

Padre Carlos Spaniol também aponta como causa do distanciamento dos moradores da vida religiosa que ele tenta instituir o fato de a Cúria ser proprietária de muitas terras. É possível que outras questões estejam ocultas. A presença da Igreja interfere nas práticas de religiosidade do lugar que acontecem contrárias aos desejos do catolicismo oficial. A questão da propriedade de terras que surge como elemento de afastamento dos moradores locais da Igreja pode estar escondendo uma relação mais complexa.

²⁹ O autor do artigo, ao referir-se à cidade, na verdade, quer se referir ao bairro de Bonsucesso. A santa padroeira do município de Guarulhos é Nossa Senhora da Conceição.

Como vimos, no começo do século XX, a igreja aparece com uma nova mentalidade, que nega a tradição popular religiosa. A interação entre o “profano” e o “sagrado” constituíam e ainda permanecem no núcleo de Bonsucesso até os dias atuais (destacadamente nos momentos da realização da festa em louvor à santa), uma expressão da cultura popular tradicional religiosa, vínculo que o presente mantém com o passado do lugar.

Aparentemente, a elevação da Igreja à condição de Matriz da paróquia representava uma estratégia para a penetração do catolicismo ortodoxo em toda a região e acontece simultaneamente à formação de diversos bairros novos, em função do contingente de trabalhadores que começam a chegar, produtos do processo de modernização que então se inicia.

O início da década de 50 é provavelmente o primeiro marco para incluir o município de Guarulhos entre as maiores cidades do país³⁰. Parece que essa combinação de fatores será responsável por uma mudança de comportamento do clero em relação à festa. Se antes estavam de costas para ela, agora colocam-se de frente.

A celebração mais importante da festa para o clero passa a ser rezada pelo Bispo da Diocese. O Padre Carlos Spaniol justifica, dessa forma, a ausência do bispo durante os festejos do ano de 1968: “[o] Sr. Bispo não pôde comparecer por causa duma importante reunião da C.N.B.B. Representou-o o Vigário Episcopal Padre Geraldo Penteado de Queiroz que oficiou a missa às 10 horas na qual grande multidão de devotos e todas as comunidades da paróquia participaram”. Portanto, só uma questão muito importante impediria a presença da maior autoridade eclesiástica da região durante a festa.

Essa concepção em que se pretende uma cidade em constante modernização, ao atingir o centro de Bonsucesso, interfere desastradamente no contexto da festa. A ação do poder público municipal no local foi, no mínimo, trágica. Na década de 70, por conta da política de urbanização, asfaltou-se o entorno da Igreja, no lugar onde acontecia a carpição.

A carpição era uma atividade realizada pelos fieis e consistia em limpar o terreno ao redor da igreja, tratava-se de preparar a área para receber no final do mês os romeiros. Atualmente, não existe mais a necessidade de realizar a “carpição”, entretanto, o dia continua sendo considerado pelos fiéis como uma data importante para a demonstração da fé.

Actualmente, apesar de não ser necessário fazer essa limpeza, pois o adro é conservado sempre limpo, ainda n’esse dia vão lá um sem numero de romeiros, cumprir essas promessas (...) se

³⁰ A inauguração da Via Dutra em 19 de janeiro de 1951 atraiu, para o município, muitas indústrias e, junto com elas, pessoas de todo o país, vindas dos estados do nordeste, Minas Gerais, Paraná, entre outros.

alguma pessoa ou animal esteve doente ou ferido, vai ahi n'esse dia e conduz um saquinho de terra, que leva de um para outro lugar” (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

Ainda sobre o significado da carpição, Padre Celestino diz:

“a carpição vem de carpir, porque, primitivamente poucos dias antes da festa, grande número de pessoas era chamado a fazer a limpeza, para “carpir” o adro (ou pateo como aqui o denominam). Naturalmente mais tarde, como esse serviço era serviço em benefício da Igreja de Nossa Senhora, algumas pessoas iam por devoção e outros por promessa fazer essa limpeza (‘carpição’). Essas devoções e promessas foram se tornando geraes, e consideradas como um acto de mortificação e penitencia, a ponto de virem crentes de longínquas distâncias trazer esmolas e fazer essa ‘Carpição’” (PADRE CELESTINO, 1913, p. s/n.).

Provavelmente na segunda metade do século XX o poder público joga literalmente cimento sobre o uso do espaço, os saberes e as práticas populares. Uma demonstração cabal de desconsideração da manifestação da cultura popular tradicional religiosa que ali se realiza. Essa atitude evidencia a violência com que agem os “organizadores oficiais dos espaços da cidade” em relação às culturas produzidas pelos “subalternos”. No entanto, apesar da transformação promovida pela administração pública no espaço de Bonsucesso, houve uma reordenação do contexto da carpição e a permanência do ato de fê:

“(…) em Bonsucesso também existiu a ‘coerção e consenso’ que constituem a ‘hegemonia cultural’. Os participantes da festa readequaram seus costumes às transformações que ocorreram. Uma demonstração disso é que, sem espaço para carpir, os devotos conformaram a ‘carpição’ à coleta da terra depositada num ‘grande vaso’ construído pelo poder público ao lado da igreja. Esse é um processo considerado por nós como típico da cultura popular por ser dialético através de trocas, diálogos, coerção, consenso e resistência” (SANTOS, 2004, p. 71).³¹

As duas fotos a seguir demonstram esses dois momentos, a prática da carpição e o processo de pavimentação.

³¹ De acordo com Gramsci, as classes dominantes assimilam o discurso e as práticas populares e, ao mesmo tempo, circulam suas idéias no cotidiano popular, deslocando da esfera político-econômica os significados sociais da dominação. É uma operação social que possibilita às classes dominantes dirigir por meio da coerção e do consenso (GRAMSCI, 2002; 1999 e 1991. In: SANTOS, 2004, P. 71).



Foto 8 – Detalhe da foto 3. Em frente a Capela encontram-se duas pessoas aparentemente carpindo o terreno
Fonte: AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem data (Aproximadamente primeira metade do século XX).
Montagem feita por nós.



Foto 9 – Asfaltamento do Núcleo Central de Bonsucesso. A fotografia mostra uma máquina preparando o terreno para ser pavimentado e, ao fundo, um bar. Esse provavelmente é o caminho que atualmente liga o núcleo central à Via Dutra. **Fonte:** AHCG. **Autoria:** Desconhecida. **Data:** Sem data (Aproximadamente segunda metade do século XX década de 60/70).

Provavelmente o espaço do sagrado tenha se consolidado pela permanência, em tempo integral, de um pároco na região e, com a celebração de várias missas nos dias de festa; aparece então com maior ênfase a discussão em torno do comércio ambulante nos dias da festa. Consta da ata de reunião de balanço feita após a festa do ano de 1982 que "houve um grande esforço para se afastar o comércio da rua da igreja e se conseguiu o objetivo em

grande parte. A procissão foi razoável apesar de certos obstáculos: comércio, carros estacionados ao redor da capela” (I Livro de Tombo da Paróquia de Bonsucesso, 1966, p. 28).

Segundo os dados coletados pela Igreja de Bonsucesso, participaram da festa nesse ano mais de 30 mil pessoas e também foi realizada uma pesquisa junto a 311 pessoas com o objetivo de aperfeiçoar a festa. Consta do livro de tomo alguns dados obtidos na pesquisa que consideramos importante reproduzir:

Desse universo de 311 entrevistados, 153 são do sexo masculino e 158 freqüentadores pertencem ao sexo feminino. A pesquisa segue detalhando as faixas etárias dos freqüentadores que se situava entre 15 anos e acima de 56 anos, sendo que os freqüentadores com idade acima dos 56 anos ou mais, representava 21,7%.

Sobre a participação na festa, 59, 5% informaram que vieram pela primeira vez ou até 5 vezes, um dado que revela a renovação dos freqüentadores da festa. Outros 13,5% já tinham participado acima de seis vezes até o número de 10. Quanto ao lugar de onde vieram os romeiros, a pesquisa mostrou que a maioria era de moradores de Guarulhos, 32,1%. Os outros municípios citados foram: Mogi das Cruzes: 17,8%; Biritiba Mirim: 12,8%; São Paulo: 12,1%; e Suzano: 5,6%.

Provavelmente, esses dados estão incompletos. No ano de 2000, realizamos uma pesquisa³² com a ajuda dos alunos do Curso de História das Faculdades de Guarulhos e do curso de Serviço Social da FMU e encontramos romeiros vindos também de São José dos Campos, Jacareí, Santa Isabel, entre outros.

O que nos pareceu significativo, nessa pesquisa, foi a questão elaborada acerca do que os freqüentadores achavam do comércio que se formava em torno da igreja, especialmente pelas declarações que apareceram na reunião de balanço dessa mesma festa.

Entendemos que o comércio e os barraqueiros constituem um dos espaços profanos da festa. O resultado mostrou com clareza que a maioria dos freqüentadores são favoráveis a sua manutenção, apenas 13,5% dos entrevistados se colocaram contra. Esse dado contribui para confirmar a integração que existe entre o sagrado e o profano na festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso.

Mesmo com esse resultado favorável a equipe de pesquisadores concluiu que é necessário isolar o comércio para garantir mais espaço para a procissão. Outra questão importante que aparece no resultado da pesquisa está relacionada à falta de infraestrutura e

³² Essa pesquisa foi realizada pela equipe do AHCG e teve a participação dos alunos das Faculdades de Guarulhos, do curso de História, e da FMU, do curso de Serviço Social. Os questionários foram aplicados no Dia da Carpição e no dia da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso. O critério foi de amostragem e atingiu cerca de 300 freqüentadores.

aos serviços públicos, especialmente em relação aos banheiros e ao estacionamento para as caravanas e carros dos romeiros.

No ano seguinte, o pároco reclama que poucas pessoas se interessaram por uma projeção de *slides* sobre a Campanha da Fraternidade de 83, com o tema: “Fraternidade sim! Violência não!”. Concluiu o pároco que “era preciso de algo mais popular como, por exemplo, o terço”. No entanto, relata, logo em seguida, que havia uma dupla sertaneja perto da Capela de São Benedito e que cantou por muito tempo.

Essa Capela é o espaço preferido para a realização das manifestações da cultura popular. É tradição nos dias de festa surgirem grupos de folias de reis, congadas, moçambiques. Esses grupos costumam dirigir-se em primeiro lugar para essa capela e, em seguida, para a Igreja de Bonsucesso. Nesse relatório, o pároco cita a presença de três grupos que ele denomina de folclóricos, vindos de Mogi das Cruzes e Poá.

Foto 10 – Cia de Folia de Reis em frente à Capela de São Benedito. A fotografia confirma a presença dos grupos de cultura popular na festa e sua predileção pela Capela de São Benedito dos Homens Pretos. Detalhe da Capela de São Benedito ao fundo do lado esquerdo. **Fonte:** Redesenhando Bonsucesso. **Fotografa:** Marli Araújo. **Data:** Agosto de 1987.



Foto 11 – Grupo de Moçambique de Mogi das Cruzes próximo à Capela de São Benedito. A fotografia confirma a presença dos grupos de cultura popular na festa e sua predileção pela Capela de São Benedito dos Homens Pretos. **Fonte:** Redesenhando Bonsucesso. **Fotografa:** Marli Araújo. **Data:** Agosto de 1987.



A leitura da documentação oficial não mostra todo o contexto da festa. Essa documentação ressalta os aspectos que compõem o cenário do sagrado. O livro Tombo da Igreja e os jornais citam sua importância e tradição, apresentam números de romeiros, mas não dão nenhum destaque às manifestações da cultura popular e nem falam dos barraqueiros, exceto quando a presença deles incomoda a realização da procissão, como vimos anteriormente. Usaremos fotografias e depoimentos dos frequentadores para dialogar com as fontes oficiais, muitas inéditas para a historiografia. Pretendemos demonstrar a forte presença da cultura popular no cenário da festa e contextualizar o espaço profano.



Foto 12– Cenário rural para tirar fotografia dos freqüentadores da festa. **Fonte:** Redesenhando Bonsucesso. **Fotografa:** Marli Araújo. **Data:** Agosto de 1987.



Foto 13 – Parque de diversões. **Fonte:** Redesenhando Bonsucesso. **Fotografa:** Marli Araújo. **Data:** Agosto de 1987.



Foto 14– Presença de sanfoneiro, provavelmente durante a missa. **Fonte:** Redesenhando Bonsucesso. **Fotografa:** Marli Araújo. **Data:** Agosto de 1987.



Foto 15– Dupla Caipira em frente à Igreja de Bonsucesso [Brazando e Brazandinho]. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 16– Moçambique de Mogi das Cruzes. A apresentação é sempre no chão. Do lado esquerdo, o palco para os grandes *shows*. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 17– Cia de Folia de Reis Estrela do Oriente, Vila Nhoncuné, São Paulo, Capital [Mestre Ditão]. Detalhe da Bandeira. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 18– A terra depositada. Na última viagem, o recipiente usado para carregar a terra é deixado junto com a terra. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2002.



Foto 19– Parte de uma romaria a cavalo [trepieiros]. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2002.

CAPÍTULO II
O ESPAÇO DO PROFANO

2.1. A TERRA

É o primeiro domingo de agosto e a rotina do bairro de Bonsucesso, no município de Guarulhos, começa a mudar. Aos poucos, o pequeno núcleo vai sendo transformado para receber os romeiros, vendedores ambulantes, religiosos, curiosos, Companhias de Santos Reis, Catiras, Moçambiques, Congadas, entre outros. Uma grande festa irá acontecer em homenagem a Nossa Senhora do Bonsucesso.

Os preparativos para a festa começam com bastante antecedência e o trabalho envolve toda a comunidade religiosa do lugar com a confecção dos cartazes e dos livros de oração, com a limpeza de áreas para o estacionamento dos ônibus e carros e com alguma reforma que seja necessária no prédio da Igreja.

Há muito tempo esse ritual acontece. Na primeira segunda-feira do mês de agosto, realiza-se o **Dia da Carpição** que representa o início dos festejos que seguirá até o último final de semana do mês, quando irá se comemorar o dia da **Nossa Senhora do Bonsucesso**. É um dia especial na vida do bairro.

Por todo canto se ouvem histórias de milagre, a igreja está toda ornamentada com flores, quem as traz todo ano é um devoto, faz como agradecimento, ele é um dos que atestam o poder da santa. Como sempre se escuta nas rodas de conversa, “Nossa Senhora do Bonsucesso é uma santa muito poderosa”. Muitos dos presentes na festa, de alguma maneira, têm algo para contar.

A festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso tem como uma das suas principais características a profunda relação dos devotos com a terra. A terra se coloca no centro da festa, serve para pedir ajuda quando se necessita e é também o modo de se agradecer pela graça alcançada. Em torno da terra e ao longo dos tempos, se construiu a história do lugar.

Nas comunidades rurais, o valor dado à terra enquanto elemento provedor da vida não se constitui como particularidade. Provavelmente, em Bonsucesso existiu essa mesma relação. Também não é particular a organização social dos espaços durante o período colonial em torno de capelas. No entanto, durante as festas a terra não aparece com a finalidade de cultivo, ela é resignificada e adquire um outro valor, a terra opera milagres.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão³³, “[o] milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de uma

³³ BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *Os deuses do Povo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais” (BRANDÃO, 1986, p. 131). Em Bonsucesso, o milagre precisa da terra para se realizar. As graças alcançadas e os pedidos são imputados ao poder da santa, e a terra se constitui como o elemento mediador.

Na luta pelo controle do espaço religioso, o catolicismo oficial instituiu a “Benção da Terra”, operação realizada durante a primeira missa do ‘Dia da Carpição’ e, na maioria das vezes, é o Bispo da região quem faz a celebração. Essa é provavelmente uma estratégia utilizada para afirmar sua posição no cenário da festa. No entanto, a terra persiste como um dos elementos simbólicos mais significativos do profano.



Foto 20 – Bispo celebrando a Missa da Benção da Terra.
Fonte: Acervo Particular do autor. **Fotógrafo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.

O dia consagrado para a ‘carpição’ é a primeira segunda feira do mês de agosto, mas a movimentação de devotos começa antes. No sábado e domingo imediatamente anterior, é possível encontrá-los pagando suas promessas ou fazendo seus pedidos. Quem chega antes é porque não poderá vir na segunda-feira, mas sabe que não deve faltar com a santa.

A presença desses devotos antes da missa onde acontece a “benção da terra” é importante para uma das leituras que fazemos. O ritual de benzer a terra é provavelmente um artifício do catolicismo oficial para ocupar o espaço profano. Esse ritual aparece como uma oposição à significação popular do valor da terra como representação do sagrado.

A presença de devotos recolhendo a terra e realizando a peregrinação aparece como prova dessa relação de independência do poder milagroso que a terra possui em relação ao ritual católico promovido pela igreja. A tradição popular revela que os milagres acontecem pela força da terra. Um dos depoimentos recolhidos entre os frequentadores é exemplar. Perguntado sobre o fato de a terra não ter sido benzida, um dos fiéis responde: “o lugar já é bento”.

As fotos 20, 21 e 22 são exemplares para demonstrar que a “benção da terra” consiste num ritual importante da festa para os devotos, a quantidade de gente em frente da igreja não deixa dúvidas (Foto 20). Entretanto, também fica evidente que, para os devotos, esse ritual não implica uma condição necessária para recolher a terra (foto 23). A imagem é sugestiva ao mostrar os padres rezando a missa e alguns devotos recolhendo a terra. Esse fato não é isolado, acontece com frequência antes e durante a missa.

Foto 21 – Missa da Bênção da terra. A imagem mostra a multidão em frente à Igreja no momento em que a terra é benzida pelos padres. Ao som de orações, é jogada sobre a terra a “água benta”. Estão oficialmente abertos os festejos em louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso. Na parte inferior da foto, estão alguns devotos recolhendo a terra. **Fonte:** Acervo Particular do autor. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 22 – Detalhe ampliado da fotografia anterior, mostrando o momento da missa da bênção da terra, destacando os padres. **Fonte:** Acervo Particular do autor. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 23 – Detalhe ampliado da fotografia anterior, mostrando vários devotos recolhendo a terra durante a missa. **Fonte:** Acervo Particular do autor. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Essa crença consagrada entre os frequentadores da festa que afirmam ter sido o lugar benzido diretamente por Nossa Senhora do Bonsucesso, evidencia o seu distanciamento em relação ao catolicismo oficial. A prática secular de usar a terra como instrumento para se obter graças da santa resiste ao conjunto de interferências, dentre elas, como já citamos anteriormente, a pavimentação do adro da igreja pela administração.

Como consequência, a administração pública foi obrigada a levar terra para o núcleo de Bonsucesso. Vale ressaltar que a terra guarda as características próprias daquele terreno, de cor avermelhada, como consta na documentação verificada nos arquivos da administração pública e na foto 20 a seguir. Em 1999, um tanque de concreto foi construído para acondicionar a terra. Antes da construção desse tanque a terra era depositada no chão ao lado da igreja, conforme pudemos constatar com frequentadores mais antigos.



Foto 24 – Tanque de terra construído para acondicionar a terra. Nela podemos notar a cor avermelhada. Ao fundo, fica a Casa Paroquial. **Fonte:** AHCG. **Fotografo:** Desconhecido. **Data:** Provavelmente 1999.

Era de se esperar que, com o asfaltamento do adro da igreja impedindo que se apanhasse a terra diretamente do chão do lugar, haveria uma diminuição da fé nos seus poderes milagrosos. No entanto, houve uma readequação na prática popular e a influência na crença dos devotos de Nossa Senhora do Bonsucesso e seu significado em torno da terra permaneceu como elemento fundamental.

À medida que vão chegando, os romeiros dirigem-se para o tanque de terra, que é recolhida e embalada num pedaço de pano, plástico ou papel, seguem numa caminhada silenciosa, não se dão conta das outras pessoas que estão ao redor. Durante o dia todo observamos esse ritual de ir e vir. Ainda fazem hoje como faziam antes. A terra recolhida é despejada em uma ladeira, dizem os frequentadores mais antigos que foi sempre nesse mesmo lugar, para que depois a chuva, quando chegar, leve embora todos os males.

Fazem esse trajeto por várias vezes, o que depende das promessas ou pedidos feitos à santa. Quanto maior a graça alcançada ou mais difícil for o milagre, maior será a penitência; alguns fiéis chegam mesmo a repetir esse ato por mais de vinte vezes. A solidariedade entre os fiéis acontece com muita frequência, é comum ver pessoas amparadas por outras, pessoas idosas sendo acompanhadas por gente mais jovem, alguns sendo empurrados em cadeiras de rodas. Esse esforço é emocionante e caracteriza a forte devoção e fé na capacidade milagrosa dessa terra sagrada.



Foto 25 e 26 – Devotos carregando a terra procurando alcançar cura para suas doenças, a imagem a esquerda mostra a fila que se forma em direção ao lugar onde a terra será depositada, claramente percebemos todos seguindo a mesma direção. A imagem a direita mostra a expressão de fé. Em ambas a terra esta pressionada no lugar do corpo que esta doente. **Fonte:** Acervo Particular do autor. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.

Muitos depoimentos também demonstram a terra como o símbolo mais significativo da festa. Em muitos deles, encontramos na terra a explicação para os milagres alcançados. A Sra. Francisca diz que essa “é uma festa da terra que cura”, outra frequentadora diz que a carpição recebeu esse nome porque “as pessoas capinavam a terra sagrada”, seguem a esses muitos outros depoimentos, que identificam na terra o poder de operar milagres.

Essa crença nos poderes milagrosos da “terra” em Bonsucesso produz uma diferenciação em relação a muitas outras festas religiosas. Na festa do Divino em

Pirenópolis³⁴, a devoção popular dedica ao Divino Espírito Santo a festa. Segundo Brandão, “com muita freqüência as pessoas da cidade recorrem ao Divino em busca dos mesmos efeitos de auxílio sobrenatural esperados de qualquer ‘santo da Igreja’” (BRANDÃO, 1978, p. 66). Num outro relato do mesmo autor há a referência a Nossa Senhora Aparecida: “por um prodígio de Nossa Senhora da Aparecida, é mais importante ‘ir lá no Norte’ (Aparecida do Norte, no Vale do Paraíba em São Paulo), entrar na fila, beijar objetos de devoção, distribuir esmolas, deixar alguma coisa na ‘sala dos milagres’(...)” (BRANDÃO, 1986, p. 134).

Nessas duas citações, a exemplo de muitas outras comuns nas festas populares religiosas, o milagre ou a devoção perpassa pelos santos, no entanto, há outras variações, como o caso de Antoninho da Rocha Marmo: “ele é um dos mais populares milagreiros da cidade de São Paulo. Mesmo não sendo reconhecido oficialmente pela Igreja Católica, muitos o chamam de Santo Antoninho”.³⁵ Nesse caso, o poder de realizar milagres deu a ele o *status* de santo.

Caso semelhante, porém, com muito mais repercussão, é o do Padre Cícero, no Ceará. Os estudos de Ralph Della Cava³⁶ nos permitem inserir nesse trabalho um outro exemplo da presença do milagreiro no imaginário popular. Juazeiro do Norte permanece com força como lugar de romarias e de devoção popular a partir da repercussão de um milagre acontecido no ano de 1889:

“(...) Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela de Joazeiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam, todas as sextas-feiras do mês em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a Comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da paixão até o dia de festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente” (CAVA, 1985, p.45).

Cabe considerar que essa dimensão dada aos santos e aos milagreiros corresponde à concepção de que “é generalizada a tendência a considerar como função principal de um santo ajudar as pessoas a conseguirem alguma coisa de que precisem ou que

³⁴ BRANDÃO, Carlo, Rodrigues. *O Divino, O Santo e A Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha em defesa do folclore brasileiro, 1978.

³⁵ Carlos Augusto Gomes, Internet. “arvoredobem.ig.com.br. 2004.

³⁶ CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

desejem” (PIERSON, 1953, p. 41).³⁷ No entanto, em Bonsucesso, os milagres são atribuídos à “terra”, ainda que não seja desconsiderado pelos devotos o poder de Nossa Senhora do Bonsucesso.

2.2. A CARPIÇÃO

O “Dia da Carpição” é mais voltado para a prática religiosa e os fiéis que vão ao santuário dedicam a maior parte do seu tempo para fazer orações e agradecimentos. É um dia mais solene, aparentemente segue a tradição de preparação para a festa. Provavelmente, quando havia ainda a necessidade de carpir, representava um dia de trabalho. Os festejos viriam depois.

Nesse dia, a exemplo dos dias da festa, é comum encontrar relatos de milagres de cura alcançados pelos romeiros e, dedicados aos poderes milagrosos da terra. Sr. Benedito Rodrigues Caraça é nascido em Bonsucesso e, freqüentador da festa desde de criança, afirma em seu depoimento já ter alcançado um grande milagre ao ter tido sua mãe curada, quando a ciência não mais surtiria resultado:

“muitas pessoas da minha família costumam logo guardar um punhado de terra para quando tiverem algum problema (...), há alguns anos minha mãe estava desenganada pelos médicos, com um grave problema de saúde, fiz uma promessa para Nossa Senhora do Bonsucesso e como um milagre, minha mãe foi curada, hoje ela está com 83 anos e cheia de saúde.”

Relatos como esse são freqüentes. O que torna esse depoimento particular é o fato de a terra ser guardada como precaução, indicando que o poder de cura permanece ligado a ela, mesmo fora do lugar. Novamente aparece o significado de independência do poder milagroso da terra. O milagre não está ligado diretamente à Igreja ou à imagem da santa. A terra retirada daquele lugar sagrado permanece abençoada.

Dona Ana, outra freqüentadora da festa diz nunca ter usado a terra para resolver algum problema de saúde, mas conhece várias pessoas que estiveram muito enfermas e que, depois de ter usado a terra abençoada, ficaram curadas. Segundo Dona Ana: “Parece um verdadeiro milagre”.

³⁷ PIERSON, Donald. *Santo em Cruz das Almas*. In: SOCIOLOGIA. Volume XV, Nº 1. Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Março de 1953.

A festa prossegue e, durante o dia, vários momentos vão se combinando, enquanto uns pagam ou fazem promessas, outros vão se confessar, ato religioso que começa logo após a benção da terra. Outros seguem para o meio dos ambulantes, procurando alguma lembrança, ou para tomar uma cachaça ou encontrar amigos, ouvir ou cantar música caipira ou assistir algum show, que geralmente acontece nos intervalos das missas.

Os *shows* programados para o dia da carpição acontecem entre as missas, geralmente são duplas caipiras que se apresentam num tablado em frente à Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, a partir do ano de 2001, foi incorporado pela administração pública um grande evento ao final do dia que atrai mais os moradores.

Provavelmente por ser uma segunda-feira, muitos romeiros que vêm de fora do município precisam voltar cedo para suas casas. Mesmo assim, por se tratar de um bairro bastante populoso, a frequência é grande. Vale destacar que alguns grupos da cultura popular-religiosa preferem ir a Bonsucesso nesse dia.

Os freqüentadores são, na sua maioria, pessoas simples. As marcas no rosto, as roupas, o tipo de comércio que se estabelece durante os dias de festa são demonstrações do nível sócio-econômico da maior parte dos romeiros. A própria comunidade ligada à igreja e moradora do bairro é composta por gente humilde e trabalhadora.

O comércio popular conforma outra tradição profana da festa. Nas barracas de alimentos e bebidas, por vezes nos deparamos com violeiros e tropeiros, alguns montam tabuleiros sobre caixotes de madeira [foto 27] com jogos de apostas considerados ilegais, outros na mesma condição vendem todo tipo de quinquilharia. No dia da festa, o número de ambulantes aumenta em relação ao dia da carpição, no entanto, na hora da procissão retiram seus tabuleiros e evitam conflito com o ritual religioso. Nas barracas, pode-se comprar de tudo, aparelhos eletrônicos, roupas, artesanatos, bebidas, comidas, etc.

As barracas que ficam mais próximas da Igreja são autorizadas pelo poder público, em geral, atingem o número de 100 a 160. No entanto, o número de ambulantes é muito maior, chegando a mais de 1000, são os clandestinos, muitos deles acompanham o calendário das festas religiosas do Estado. A “ilegalidade” pela força da tradição torna-se legal e não sofre represália pela fiscalização [ver fotos 27, 28, 29 e 30 na página a seguir].

FOTOS DO COMÉRCIO POPULAR NO BAIRRO DE BONSUCESSO DURANTE AS FESTAS

As fotos são do comércio popular que se forma durante os dias da festa. Consideramos que este é um dos espaços profanos da festa. Esse comércio é amplamente defendido pela comunidade, alguns dos ambulantes percorrem várias festas durante o ano. Outros são moradores do próprio bairro que aproveitam o movimento para complementar renda ou em situação de desemprego, conseguir algum dinheiro.

Na foto 21 destacamos os vendedores com caixotes, é provável que houvesse alguma repressão para esse tipo de comércio. As fotos 23 e 24 mostram as barracas próximas a Igreja de São Benedito. Na foto 23 as barracas estão ao lado da igreja, atualmente esse lugar é ocupado com um grande palco para os eventos da prefeitura. A foto 25 foi tirada no sentido contrário da foto 24, ao fundo esta a igreja. Vale frisar ainda que a Igreja de São Benedito marca o fim do espaço controlado pela administração pública, seguindo em frente forma-se o comércio clandestino. No último fim de semana de agosto, esse comércio clandestino chega a abrigar mais de mil barracas. Cabe ressaltar ainda que esse é o caminho por onde passa a procissão.

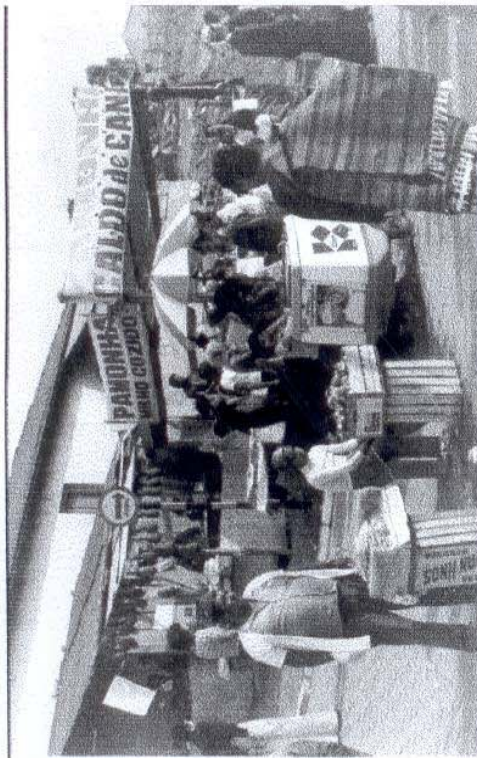


Foto 27 – Fonte: AHCG. **Autoria:** Desconhecido. **Data:** Provavelmente década de 70



Foto 29 – Fonte: Acervo Particular. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.



Foto 28 – Fonte: AHCG. **Autoria:** Desconhecido. **Data:** Provavelmente década de 70



Foto 30 – Fonte: Acervo Particular. **Autoria:** Maurício Pinheiro. **Data:** Agosto de 1999.

Uma das ambulantes, Dona Marlene, trabalha fixo na festa há 6 anos, mas já trabalhou antes como clandestina, diz que “conseguir ou não uma vaga próximo da Igreja nem sempre é possível”. Na sua opinião, a tradição da festa é a melhor parte, destacando a procissão, as folias de reis e os *shows* musicais, apesar de achar que a moda de viola costuma atrair um público mais idoso.

Questionada acerca do poder de compra dos frequentadores, a resposta confirma o que está sendo mostrado o tempo todo na expressão dos devotos. As pessoas compram pouco, procuram levar mais lembranças do passeio, principalmente as que vêm de lugares mais distantes. Ela diz que sente curiosidade de saber de onde vêm seus fregueses e já viu gente de Barretos, interior de São Paulo, e até de Laguna, em Santa Catarina.

Entre o “Dia da Carpição” e a “Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso”, as festividades continuam. São realizadas as novenas³⁸ e, no último sábado de agosto, acontece a cerimônia de “Coroação de Nossa Senhora”. Essa cerimônia segue uma tradição monástica e é o momento em que se recitam os “salmos”³⁹. Às “Vésperas” da festa, pontualmente às 18 horas, é celebrado o Ofício de Nossa Senhora ou se reza a Ave Maria, uma versão popular dos “salmos”.

As novenas e a Coroação de Nossa Senhora constituem mais uma etapa da preparação religiosa organizada pela Igreja católica e representa para o catolicismo oficial a abertura dos festejos em honra a Nossa Senhora do Bonsucesso. Após a cerimônia de Coroação de Nossa Senhora, a comunidade jovem da Igreja costuma montar algum tipo de apresentação artística sempre com cunho religioso.

No interregno entre uma festa e outra, o lugar não pára de receber gente. Em todos os dias, é possível encontrar devotos vindos de vários lugares, e o ritual de carregar a terra se repete com frequência. O último domingo do mês fecha as festividades e o movimento de romeiros é muito mais intenso, chega a ter de 25 a 40 mil pessoas circulando. É realmente impressionante, considerando que não há uma grande divulgação da festa, quem vai para Bonsucesso o faz pela fé ou pela festa, vai para pagar ou fazer promessa ou simplesmente pela diversão.

Até 1999, a responsabilidade pela divulgação da festa era exclusivamente da igreja, a partir de 2000, a Administração Pública passou a colaborar, inclusive com a confecção dos cartazes. Mesmo com o apoio do poder público, percebemos que a divulgação

³⁸ Durante nove dias, a imagem da santa, sempre acompanhada por um padre, se reveza nas casas dos moradores, onde se realiza um ritual sagrado do catolicismo.

³⁹ Os Salmos acontecem simultaneamente no mundo todo no horário Mariano, seguem uma tradição herdada do judaísmo e mostra o caráter universal da instituição.

continuou bastante precária. Exceto por alguns jornais regionais que publicam matéria relacionada ao evento, é raro encontrar cartazes afixados no município de Guarulhos.

A igreja também procura divulgar, enviando alguns cartazes para outras paróquias do município e para os municípios vizinhos. No entanto, uma boa parte do material de divulgação acaba sendo distribuído durante o dia da carpição entre os freqüentadores. O fato de haver uma divulgação pequena da festa não compromete a sua freqüência.

Num levantamento feito em 2002, a partir das placas dos ônibus, carros e junto aos freqüentadores, identificamos caravanas e romeiros vindos de Bertiooga, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Itaquera, Nova Cachoeirinha, São Miguel Paulista, Taboão da Serra, Vila Maria, Vila Mariana, Alto da Lapa, Bairro do Limão, Casa Verde, Olinda (PE), Aparecida do Norte, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista, Mogi das Cruzes, Arujá, Igaratá, Santa Izabel, Guararema, São José dos Campos, Salesópolis, Jacareí, municípios do Sul de Minas Gerais, Mogi das Cruzes, Ribeirão Pires, Biritiba Mirim, São Roque, São Mateus, Suzano e de diversos bairros de Guarulhos.

Esse grande número de lugares identificados - e certamente há ainda outros - mostra que essa festa é conhecida além das divisas regionais do município de Guarulhos. Uma das razões para se compreender tantos visitantes, vindos de lugares diversos, provavelmente está vinculada ao fato de a festa existir há mais de dois séculos e meio. Para o devoto, existe a certeza de que, nos dias da carpição e de louvor à santa, em Bonsucesso, será um dia de festa.

Muitos dos que vêm à festa são freqüentadores de muito tempo, sabem a data e se organizam, vêm em caravanas, com suas famílias ou sozinhos. É comum encontrar gente que freqüenta a festa há muitos anos. É o caso do Grupo de Moçambique São Benedito e Nossa Senhora do Rosário⁴⁰. Mestre Tavares, um senhor de mais de 70 anos nascido em Bonsucesso, nos conta que, “mesmo depois de ter mudado do bairro ainda criança, nunca deixou de vir à festa e, sempre com o grupo de Moçambique”. Essa tradição, segundo ele, foi herdada de seu pai, que já tinha Nossa Senhora do Bonsucesso como santa de devoção.

Outro depoimento significativo é feito pelo “seu” Alberto Francisco, que diz:

“Então eu freqüento essa festa desde de 1965, minha primeira mulher era freqüentadora eu continuei. O pai dela foi criado sempre nessa festa aí, a gente ia lá que achava bonito né, congada, folia, festa de reis, tinha várias coisas ali né, é aquelas charretinhas, trole né, (*aqueles tropeiros*) tropeiro é aqueles amansador de cavalo né, então a gente ficava ali debaixo daquelas

⁴⁰ O Grupo de Moçambique São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são da cidade de Mogi das Cruzes e pertencem à comunidade de Santa Terezinha e Menino Jesus. Em Mogi das Cruzes, acontece a Festa do Divino, consideradas uma das mais importantes festas religiosas do Estado de São Paulo.

árvore lá, vendo essas coisa assim e assistindo e, aproveitava pra fazê um piquenique lá né, passava o dia inteiro”.

No caso do “seu” Francisco, sua participação se deve a sua primeira esposa, nesse caso, o costume de ir à festa era dos pais dela e, por conta disso, passou a ser sua prática também, como ele mesmo afirma, já que ele vai para a festa desde 1965 e nunca faltou a nenhuma. Outro fator para entender a vinda desses visitantes está diretamente ligado ao primeiro, consistindo na tradição herdada dos antepassados. O depoimento do Mestre Tavares aponta para esse caminho, quando ele diz que foi levado pelo seu pai a participar da festa quando criança e que manteve o costume.

Apesar de ambos freqüentarem a festa por tantos anos, percebe-se uma diferença nos motivos que os levam lá. Mestre Tavares vai para prestar homenagem à santa, leva seu grupo de Moçambique para render suas homenagens e expressar sua fé. Acredita nos poderes milagrosos da terra abençoada e na força de Nossa Senhora do Bonsucesso.

No depoimento de “seu” Francisco, prevalece o caráter festivo e profano. Ele diz que vai para ver as congadas, as folias de reis, os moçambiques, os tropeiros, os violeiros, fazer piquenique, passear, o ato religioso fica sublimado, ele vai pela festa. A festa para “seu” Francisco é um espaço de diversão, de alegria.

Mestre Tavares e “seu” Francisco são representantes de parte dos grupos sociais que formam o contexto da festa, juntam-se a eles os barraqueiros, os violeiros, as duplas caipiras, os padres, os leigos, os políticos, entre outros.

Provavelmente, a divulgação da festa é feita pelos próprios freqüentadores dentro de uma tradição oral e por vários motivos, quer seja pela devoção à santa ou pela repercussão do poder místico do lugar. Mas também é feita pelos barraqueiros que circulam por outras festas religiosas, por ser secular e um espaço de diversão com a presença de grupos da cultura popular (violeiros, tropeiros, folias, catiras e outros).

Uma pesquisa que fizemos durante a festa no ano de 2000 confirma que a tradição oral aparece como a principal forma de divulgação da festa. Os dados revelaram que mais de 50% dos entrevistados conheceram a festa através de seus pais, parentes ou amigos, outra grande parte conhece por ser moradora do bairro, dado que representa cerca de 30% dos entrevistados. Os dados levantados pela pesquisa demonstraram que a divulgação oficial feita pela Administração pública e pela imprensa escrita exercem pouca influência para atrair pessoas para os festejos.

2.3. A FESTA

De manhã bem cedo, ainda com o sol nascendo, começam a chegar os primeiros romeiros, os carros, ônibus e charretes vão estacionando e logo se forma uma grande fila do lado de fora da igreja para ver a imagem da santa. Em cada rosto, se percebe uma profunda devoção, na maioria, são pessoas simples, de todas as idades, que beijam o manto e sempre deixam algum dinheiro de pouco valor.⁴¹



Foto 31 – Fila de devotos para ver a imagem de Nossa Senhora. Ao fundo e à direita, detalhe da Igreja, no centro, um mendigo pede esmolas. **Fonte:** Acervo Particular do autor. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.

Cumprido esse ritual, alguns se dirigem para a sala de milagres. Quem alcançou alguma graça costuma deixar algum objeto, uma carta ou uma fotografia como se quisessem mostrar para todos que o milagre realmente aconteceu, identificando-se a si mesmo ou a alguém, talvez um parente ou amigo.

As paredes da Sala dos Milagres estão repletas de fotografias, há também vários álbuns contendo imagens. Olhando as fotografias, percebemos uma certa cronologia. Algumas imagens, em preto e branco, distinguem-se pelo tom amarelado e indicam que foram colocadas ali há muito tempo. Em outras fotos coloridas, há uma predominância do tom rosa, essas são da década de 70 e é também possível encontrar imagens muito recentes.

⁴¹ Em 1990, a equipe de finanças da Paróquia anunciou a arrecadação de 44 Pisos Nacionais de Salários e a despesa foi de 4 PNS. Fonte: I Livro Tombo da Igreja de N.S. Bonsucesso, p. 53.



Foto 30 – Uma das paredes laterais, destaque para as fotografias afixadas. Uma prova dos milagres alcançados. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2001.

Ainda na sala dos milagres, encontramos, afixadas nas paredes, cartas de agradecimento e de pedidos e muitas fitas de pano coloridas, semelhantes às que são presas nas bandeiras das folhas de reis e que representam pedidos ou graças alcançadas. Agregadas a esse conjunto estão as reproduções de cera de pernas, braços, cabeças, muletas e outras “provas” dos milagres realizados.

Outros vão imediatamente para fora da Igreja e iniciam a procissão da terra [fotos 25 e 26]. Em silêncio, rezam, agradecem ou pedem alguma graça. Nesse trajeto solitário, em meio à multidão, o barulho dos vendedores ambulantes, o som dos oradores ou da música não parecem incomodar em nada. Há também os reencontros de gente que se conhece das festas anteriores, é o momento de se rever amigos, ou de se conhecer gente nova, alguns depoimentos que colhemos revelam que muitos namoros que terminaram casamentos começaram durante a festa.

A poucos metros da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, fica a Capela de São Benedito, uma construção do início do século XX, construída no mesmo lugar onde antes existira uma outra capela de mesmo nome destinada aos escravos e índios e que pertencera à Ordem de São Benedito dos Homens Pretos. São Benedito é um santo de extrema popularidade e a sua capela costuma ser o primeiro lugar de visitação de muitos fiéis.

As romarias continuam chegando, muitos vêm a cavalo ou de charrete e costumam ficar próximo a um lago, onde, na primeira metade do século XX, teria havido um porto de areia, tipo de atividade econômica bastante comum na região naquela época. Banham os cavalos, e ficam passeando entre as barracas dos ambulantes ou nos bares. Nem todos vão à festa por devoção, alguns depoimentos dos frequentadores informam que vão para encontrar cavalos que foram roubados, quando acham, resolvem entre eles sem envolver a polícia.



Foto 31 – Romeiros de charrete durante a festa. Muitos não se integram ao contexto religioso, participam da festa de modo particular. A grande maioria permanece junto aos lagos, outros vão aos bares ou permanecem no comércio. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2001.

Há também os romeiros que vêm à pé, não é raro encontrar quem andou muito tempo para chegar até a festa. Um grupo de mulheres que chega à festa vem do bairro de Guaianazes, depois de ter caminhado por cerca de 5 horas. Essa é a forma que encontraram para agradecer as graças recebidas de Nossa Senhora ou para pagar alguma penitência.

Cabe ressaltar que as romarias constituem na sua “prática uma relação explícita entre o sagrado e o profano, a fé e a diversão, o espiritual e o terreno, a alegria e a dor, que articulados evidenciam a esperança por dias melhores” (MACHADO, 2000, p. 60) e, ainda:

“a romaria faz no espaço o que a mística realiza no tempo, ultrapassando ambos os limites do profano e aproximando o devoto do domínio do sagrado. Enquanto a viagem mística se manifesta por uma série de transformações psicológicas, a romaria expressa o sentido literal, onde é a paisagem que se transforma. Tem por isso as atrações de uma aventura, cujo fim, no entanto, é predefinido, restando ao viajante o fascínio da estrada e impondo-lhe o reconhecimento de um destino que tem para ele uma significação interior” (FERNANDES, 1982, p. 43).⁴²

A fotos [31 e 32] demonstram que a prática de romarias se mantém com força. Na imagem 31 o destaque é para as romarias em charretes ou cavalos, provavelmente esta é uma forma encontrada de demonstrar sua ligação com o mundo rural. A foto 32 é expressiva por mostrar a quantidade de ônibus sugerindo uma grande quantidade de romeiros que optam por esse tipo de organização para vir à festa.

Foto 31 – Romeiros durante a festa. No ano de 2002 a Prefeitura disponibilizou um terreno próximo a festa e passou a organizar o estacionamento. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2001.



O Dia da Carpição e a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso remetem a práticas típicas de regiões rurais afastadas dos grandes centros urbanos. A participação dos grupos de manifestação da cultura popular-religiosa (folia de reis, congadas e moçambiques)⁴³ compõe junto com a música caipira, o catira, os violeiros, os tropeiros e o comércio, o espaço do profano.

Em Bonsucesso, durante os festejos ocorre uma articulação entre a prática profana dos grupos da cultura popular-religiosa e o sagrado, orientado pela ortodoxia católica. O espaço é de diversidade e de encontro de várias culturas, o sagrado e profano se realizam ao mesmo tempo num processo de interação. Os grupos da cultura popular-religiosa se

⁴² FERNANDES. R. C. *Os cavaleiros do Bom Jesus: Uma Introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982. **In.** MACHADO, Maria Clara Thomaz. “Pela Fé: A Representação de Tantas Histórias”. In: *Revista de Estudos de História*. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.

⁴³ Entendidos a partir do processo de romanização como excessos e abusos da fé, serão profundamente criticados por padres e, por vezes, chegam a sofrer perseguição policial ou são impedidos de entrar nas igrejas e participar das procissões. Segundo o depoimento de um “folião”, até a década de 70 no município de Guarulhos, para sair com o “giro” deveriam pedir a permissão dos padres e ao delegado.

manifestam do lado de fora da Igreja, enquanto que o sagrado se manifesta no seu interior. Porém, em alguns momentos, essas duas esferas se encontram.

A missa caipira⁴⁴ era uma tradição da festa que havia se perdido e, em 2001, foi novamente incorporada. A missa é acompanhada por violeiros, muitas das canções que pertencem ao universo caipira e fizeram sucesso na voz de duplas como Tonico e Tinoco, João Carreiro e Pardinho são reinterpretadas com letras das orações católicas. Outras canções remetem às tradições populares, como a que destacamos a seguir:

“Eu vou benzer em Aparecida do Norte/Minha viola de pinho pra que ela traga sorte/Pra cantar velhas cirandas e as cantigas daqui/Vou dançar folias em asas de colibri/Vou rezar para que o rio Paraíba lave suas corredeiras/Inspirando violas em volta das fogueiras/Queira ou não, aqui de tudo tem/E tem muito moçambique e catira tem também/Eu vou benzer em Aparecida do Norte minha viola (...)” (Viola Benzida, Autor: Alexandre Freitas).⁴⁵

A “missa caipira” foi recebida com entusiasmo pelos frequentadores, provavelmente por sua correspondência com as manifestações profanas. A letra da canção demonstra essa ligação com a cultura popular-religiosa e revela o interesse pela música sertaneja raiz, que encontra na festa um espaço de expressão, principalmente nas regiões metropolitanas, onde se encontra quase desaparecida.

Entre 1999 e 2003, identificamos vários grupos da cultura popular-religiosa durante os festejos, as folias de reis em maior número, depois as congadas, os moçambiques e o catira. Nesse levantamento, descobrimos os seguintes grupos: **Companhia de Santo Reis do “Bom Clima”**, Mestre Macuco; **Companhia de Santo Reis “Divina Luz”**, Mestre Xavier; **Companhia de Santo Reis “Estrela Guia”**, Mestre João Peão e Cirilo; **“Os Reis da Catira”** todos do município de Guarulhos, **Companhia de Santo Reis “Estrela do Oriente”**, Mestre Ditão da Vila Nhocuné, São Paulo Capital, **Companhia de Santo Reis “Os três Reis do Oriente”**, Mestre Jorginho do município de Cajamar, São Paulo; **Grupo de Moçambique “São Benedito e Nossa Senhora do Rosário”**, Mestre Tavares do município de Mogi das Cruzes; **Congada de “São Benedito e Nossa Senhora do Rosário”** do município de Santa Izabel e um outro grupo de **Moçambique de Ferraz de Vasconcelos**.

A frequência desses grupos na festa não obedece a um calendário fixo, ora aparecem no “Dia da Carpição” ou então na “Festa em Louvor a Nossa Senhora do

⁴⁴ A primeira missa caipira foi rezada pelo Padre João Osmar [Pe. Boiadeiro] e acompanhada pelos Violeiros de Cristo.

⁴⁵ A letra foi retirada do CD. PEÃO DE DEUS, Padre João Osmar.

Bonsucesso”. A partir do ano de 2000, a prefeitura tem procurado, conjuntamente com o pároco e a comunidade, organizar a participação, estabelecendo horários e oferecendo alguma ajuda de custo e transporte.

Entretanto, essa organização é parcial, muitos grupos comparecem espontaneamente sem data e horário preestabelecido e acabam integrando a programação oficial dos festejos. Mesmo entre os grupos convidados, nem sempre a proposta de se apresentar no palco é aceita, exceto em relação ao Catira, que, pela particularidade da dança, precisa de um tablado de madeira.

Os grupos da cultura popular-religiosa sempre iniciam suas apresentações em frente à Igreja de São Benedito, depois seguem caminhando entre a multidão até a porta da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso. Nesse trajeto de pouco mais de 200 metros, surgem muitos devotos que acabam acompanhando o cortejo. No final das rezas, é comum surgir uma fila para beijar a bandeira e fazer algum pedido.

O momento religioso mais esperado é a procissão com as imagens, que sai logo depois da missa das 15 horas e segue pelas ruas do bairro. Provavelmente, com a “Benção da Terra” a procissão constitui um dos momentos de grande importância para o espaço do sagrado. Segundo Priore, “[ao] lidar com a demanda pietista dos colonos que viam nas procissões um apoio espiritual, a Igreja passa a lhes dar justificativas históricas e teológicas. Mas aproveita também para disciplinar e controlar as populações” (PRIORE, 2002, p. 23).⁴⁶

A procissão recebe a adesão de muitos frequentadores. Na hora de iniciar a caminhada, os sinos da igreja começam a tocar e, ao som de orações e de muitas saudações de “viva Nossa Senhora”, o trajeto começa a ser percorrido.

O trajeto da procissão é o mesmo das barracas, mas não há conflito, entretanto, a aparência é de uma grande desordem. O cortejo percorre as principais ruas do bairro. Na frente, segue o padre carregando uma cruz, ao seu lado, outras autoridades do clero e os



Foto 33 – Moçambique de Mogi das Cruzes. Chama a atenção na imagem estar uma criança segurando a bandeira e outra rezando com uma expressão de muita fé. Esse contexto dá a certeza da continuidade da tradição profana. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotógrafo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 1999.

⁴⁶ PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

coroinhas, imediatamente atrás, estão os andores de Nossa Senhora do Bonsucesso e São Benedito, esse é um lugar disputado pelos políticos do município e por outros que financiam romarias. Os devotos se unem formando uma grande coluna.

A imagem de Nossa Senhora do Bonsucesso é colocada sobre um andor enfeitado por flores, ao seu lado, está a imagem de São Benedito, com seu andor também enfeitado. As imagens recebem o mesmo destaque durante a procissão, há uma crença de que se a imagem de São Benedito não sair ao lado ou na frente da imagem de Nossa Senhora, ele manda chuva e não deixa a procissão sair.

Essa crença já havia sido identificada em 1944 em Cruz das Almas na Bahia por Donald Pierson. Da mesma forma, há uma “aceitação” por parte do clero em Guarulhos, na atualidade, em manter a tradição da imagem de São Benedito acompanhando a procissão junto com a imagem da Santa. “[D]isse uma mulher da roça: ‘E quando sai procissão, sai sempre São Benedito na frente porque senão a procissão num sai. ele fais chovê, ou acontece alguma outra coisa. São Benedito é muito sentido’”(PIERSON, 1953, p. 31 a 43).⁴⁷

Do mesmo modo, em Bonsucesso essa crença está consagrada e aparece nos depoimentos de muitos devotos. Tanto quanto o andor de Nossa Senhora, o andor de São Benedito, provavelmente um dos santos de maior popularidade no Brasil, fica sendo muito disputado durante a procissão.

Se a procissão se coloca como um momento de afirmação e consolidação do espaço do sagrado, aparentemente outros interesses ganham evidência. Ponto de destaque durante os festejos, ela adquire a dimensão de “espaço de visibilidade na luta política institucional”. Acompanhando a procissão, seguem prefeitos, vereadores, deputados e candidatos. Sobre a participação na festa de políticos que procuram se destacar, um freqüentador opina da seguinte forma:

“falam que, eles falam que é a fé, ato religioso deles, mas a eu sei lá, no meio de uma multidão de gente daquele lá cê num vai jogá, vendê seu peixe, angariá seus voto, eu, se eu fosse um político, eu caio num lugar, numa multidão de gente, eu vou vendê meu voto, que que é isso, vote em mim, eu tô aqui”.⁴⁸

Esse depoimento deixa claro a desconfiança que existe em relação à presença de políticos durante a festa, essa opinião é compartilhada por muitos. O discurso desse

⁴⁷ PIERSON, Donald. Santos em Cruz das Almas. In: *Revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Volume XV, março de 1953, número 1.

⁴⁸ Depoimento coletado junto a freqüentadores da festa durante os anos de 1999 até 2003.

freqüentador demonstra um conhecimento dos jogos, conflitos e disputas que acontecem em meio à comemoração e devoção. Essa utilização política da fé vem compor o espaço de sociabilidade que se forma no bairro durante os festejos de agosto.

A foto ao lado mostra um grupo contratado para fazer campanha eleitoral durante a festa. A escolha de uma banda não nos pareceu aleatória, faz parte do imaginário popular e está estreitamente ligada a uma prática comum nos pequenos vilarejos em datas “importantes”, como o aniversário do lugar ou a recepção de alguma autoridade de grande expressão.

A foto também é significativa por mostrar o desinteresse dos freqüentadores. Do lado direito, há um pequeno grupo conversando, do mesmo modo um outro grupo aparece do lado esquerdo, ao fundo, do lado direito da Igreja de São Benedito, um outro grupo segue em direção ao salão paroquial. O que aparece explícito na foto, a banda tocando e todos os seus integrantes usando uma camiseta com o nome do candidato, por vezes, está implícito no espaço da festa.



Foto 34 – Banda de música em frente à Igreja de São Benedito dos Homens Pretos. Essa foto foi tirada no ano 2000, às vésperas do processo eleitoral. Durante o dia foram distribuídos panfletos eleitorais que serviram para recolher a terra por muitos devotos. **Fonte:** Acervo Particular. **Fotografo:** Mauricio Pinheiro. **Data:** Agosto de 2000.

integrantes usando uma camiseta com o nome do candidato, por vezes, está implícito no espaço da festa.

Existe uma prática financiamento de romarias por prefeitos, vereadores, deputados de cidades menores, que só pode ser percebido dialogando com os romeiros, indicando que a festa também possui uma posição estratégica na articulação de interesses que ultrapassa a dimensão do município. A devoção, nesses casos, surge como moeda de troca, entretanto, a fala do romeiro indica que as partes conhecem as regras do jogo e fazem valer seus interesses.

2.4. A LONGA TRADIÇÃO PROFANA

Desde o início do processo de formação do núcleo de Bonsucesso, a Capela ocupou posição central na construção de táticas e estratégias para exercer controle sobre a

posse de terras e da mão de obra disponível e, ao longo do tempo foram-se juntando a esses outros interesses. No mesmo sentido, o seu entorno, se construiu como espaço de realização de manifestações culturais e religiosas, próprias dos populares, que se verificam através dos rituais de devoção a Nossa Senhora do Bonsucesso. O entorno da capela também é espaço de diversão, de encontros, de artimanhas e artifícios das camadas populares.

O espaço de “fora da igreja”, isto é, o espaço de sociabilidade, de convivência, de experiências, das camadas populares, “em sua interatividade e circularidade com o processo sociocultural e econômico nos diferentes contextos históricos” (SANTOS, 2004, p. 56), nos interessa particularmente por sua importância como o lugar da prática, reorganização e reordenação das tradições da cultura popular e como espaço de oposição ao sagrado, entendido aqui como a “religiosidade oficial”.⁴⁹

Desde o começo, aparece na história do núcleo uma relação de conflito e convencimento. Com o aldeamento, aparecem os métodos de violência dos de cima para colocá-los (os índios aldeados) em atividade. Provavelmente, nesse contexto surge outra forma de convencimento dessa população indígena, a festa. Segundo Priore:

“As danças profanas invadiram as festas na Colônia porque permitiam também à população autóctone participar do culto católico, mesmo que fazendo-o com duplo caráter ritual. Elas provocavam uma transformação formal e estética, tanto nas festas quanto nas procissões, e permitiam, quer ao negro quer ao índio, identificar-se com o “outro”, o colonizador. Elas, finalmente, incentivaram a canalização da capacidade de resposta das culturas dominadas frente à situação de conflito criada com a escravidão negra e o trabalho compulsório indígena” (PRIORE, 2002, p. 55).

A posse da terra aparece no centro dos conflitos em torno da Igreja até pelo menos a segunda metade do século XIX. Essa mesma terra que movimenta tantos interesses econômicos aparece no centro da festa como sagrada, com a particularidade de realizar milagres. Essa re-significação do valor da terra, construída pelos populares, pelos pequenos produtores rurais, pelas pessoas humildes e de poucos recursos, subverte a ordem de valor do capitalismo. Um pequeno punhado de terra arrancado do chão possui mais valor simbólico que outras terras.

⁴⁹ A expressão entre aspas foi utilizada por Marilena Chauí para demonstrar a oposição entre religião popular e o clero oficial a partir do processo de romanização, que, segundo a autora, “confere supremacia aos sacramentos e à instrução religiosa (catecismo) além de exercer censura sobre as práticas anteriores, seja abolindo-as, seja tutelando-as sob a supervisão do clero oficial”. CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 73.

O clero oficial não compartilha da mesma opinião dos devotos sobre o poder da terra operar milagres, pelo contrário, há uma “cautelosa distância do milagre, sobretudo do de tipo milagreiro popular” (BRANDÃO, 1986, p.131). Irmã Francisca confirma essa concepção quando atribui os milagres “ao poder da fé que elas têm na terra e na santa”. De certa forma, procura desmistificar o poder que a terra possui, conforme é atribuído pelos devotos. Em oposição ao clero oficial, o Dia da Carpição se mantém pela força da devoção popular nos poderes sagrados da terra, mesmo sem a necessidade de carpir e apesar da pavimentação do adro da Igreja.

Essa posição do clero oficial em relação aos poderes milagrosos da terra do entorno da Igreja em Bonsucesso fazia parte de uma política ampla do catolicismo ortodoxo no combate às práticas profanas. Acerca dessa postura, vale ressaltar um “relatório confidencial”, escrito em 1903 sobre Joaseiro e Padre Cícero, em que, entre outros fatos, se informava que:

“(…) por toda a parte campeava a superstição: **as massas ignorantes** atribuíam curas milagrosas às plantas que se encontravam nos arredores da cidade e, também a água de uma determinada cacimba existente no centro do vilarejo, **simplesmente ‘por ter sido seu local escolhido pelo Padre Cícero’**; os romeiros, por exemplo, não queriam beber de qualquer outra fonte” (CAVA, 1985, p. 136).

A crença dos devotos de que a terra foi benzida diretamente por Nossa Senhora do Bonsucesso se assemelha à credence popular de Joaseiro e, apesar do clero oficial ter instituído a “benção da terra”, numa ação de apropriação da tradição popular, ela [a crença] se manteve com força. Provavelmente, essa relação com a terra sagrada constitui um vínculo com o passado e seu poder místico afirma claramente o seu caráter não institucional. Além da terra, outras manifestações “do lado de fora” da Igreja contribuem para dar a essa festa essa característica não regulamentada, como a presença dos grupos produtores de cultura tradicional popular e religiosa e os vendedores ambulantes.

A presença da população rural, a música caipira, os grupos de folias de reis, congadas, moçambiques, a devoção à santa e a procura pela terra que faz parte do contexto da festa no presente são práticas que precedem o século XX, que irá marcar o município pelo crescimento econômico, pela chegada de contingentes de migrantes, e são anteriores também ao processo de romanização do catolicismo. São práticas mais antigas que fazem parte do contexto rural ou de um passado mais longínquo. Representam por fim as marcas do passado

distante sustentadas pela permanência de uma identidade construída e reconstruída nesse longo tempo no campo da cultura popular.

CAPÍTULO III
UMA INICIATIVA DE PRESERVAR?

3.1. A CHEGADA DO PODER PÚBLICO

O Poder Público intervém com maior impacto no bairro de Bonsucesso por três vias: a primeira consiste em dotar o lugar com benfeitorias e equipamentos públicos, provavelmente movido pelas reclamações e reivindicações dos moradores do bairro. Em uma matéria publicada no jornal *Correio do Povo*, em 1976, o articulista (não identificado na matéria) destaca vários depoimentos nesse sentido, como é o caso de Zé Mariano de Paula Leite: “tirando o bom que é o sossego e calma, nós sentimos a falta de um policial”. Em outro depoimento, aparece a necessidade de asfaltamento da única via de acesso do bairro à via Dutra, obrigando os moradores a fazer uma longa caminhada para “pegar condução para Guarulhos”, o que provavelmente resultou na pavimentação do adro da Igreja.

É provável que esse movimento do poder público em direção a Bonsucesso, também esteja ligado a uma concepção de progresso e desenvolvimento do início da década de 50 que, com a inauguração da Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra (Via Dutra), implicou na construção de condições adequadas para a instalação de grandes indústrias que levaram a intensificação de um processo migratório, atraindo para Guarulhos pessoas de todo o país e contribuindo para o adensamento populacional e o aparecimento de novos bairros ao redor do núcleo de Bonsucesso.

A segunda via se dá a partir da década de 80 com ações agora voltadas para a ocupação do espaço da festa. As primeiras medidas são as de organização do espaço, que compreende a limpeza de ruas, o controle do estacionamento, instalação dos banheiros públicos, a fiscalização do comércio ambulante⁵⁰ e alguns eventos musicais que, por vezes, acabavam gerando conflitos entre as instituições, especialmente quando a programação dos eventos acabava por interferir na programação religiosa.

Uma possível solução para esse conflito surge apenas no ano 2000, quando é formada uma comissão conjunta entre a Administração Pública, a comunidade e o pároco para discutir a organização da festa e montar uma programação única. O resultado prático dessa medida pode ser verificado nos cartazes de divulgação da festa, fazendo-se a comparação entre a propaganda feita no ano de 1999, restrita apenas aos rituais sagrados, e a de 2000, já com a programação unificada [ver o cartaz e *folder* da festa, referente aos anos de 1999 e 2001].

⁵⁰ O Comércio ambulante fiscalizado pela administração pública restringe-se ao comércio em situação regular.

Cabe ressaltar que até 1999 ficava a cargo da Igreja e de alguns apoiadores o custo pela divulgação da festa. Com a decisão de unificar a programação religiosa com a programação dos eventos realizados pelo poder público, o custo da divulgação passa para a municipalidade, que assume também a confecção dos livros de canto usados durante as missas, a contratação de grandes *shows* e ainda a confecção dos convites para os grupos da cultura popular com o pagamento de alguma ajuda de custo, transporte e alimentação. Esse processo marca uma intervenção mais direta do poder público no contexto da festa. Do ano de 2000 até 2003, passaram por Bonsucesso nomes como Renato Teixeira, Inezita Barroso, Almir Sater, Pena Branca, Dominginhos, Zé Geraldo, Tinoco e Tinoquinho, entre outros.

A iniciativa do poder público de interferir na festa provavelmente está respaldada pelo interesse de buscar visibilidade e simpatia entre os seus freqüentadores e certamente também entre os moradores do bairro e do município, aparentemente configurando uma iniciativa de usar politicamente a fé. A terceira via se dá através do “Tombamento” do prédio da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, sobre a qual nos ocuparemos a seguir.

Cartaz 1 – Refere-se ao ano de 1999 e como podemos perceber não aparece nenhuma referência aos “eventos” e nem sequer à participação dos grupos da cultura tradicional-religiosa que compõem o cenário da festa.

O destaque fica para as atividades religiosas pertinentes aos conceitos do catolicismo oficial. Quanto ao *folder*, na página seguinte, ganha destaque, além da programação religiosa os “eventos”, e se indica a participação dos grupos da cultura popular e religiosa.

258ª Festa em Honra de Nossa Senhora do Bonsucesso 1999
Tema: Maria Peregrina da Esperança

FESTA DA CARPIÇÃO
 Dia 02 de Agosto, Segunda-Feira: Missa 09:00hs
 Após a Missa haverá a tradicional bênção da Terra.
 11:00hs Confissões / 15:00hs e 19:30hs Santa Missa

NOVENA

Primeiro Dia
 19 de Agosto, Quinta-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO
 Pregador: Pe. Romualdo Nunes de Almeida
 Animação: Com. São João Evangelista
 Bênção das Velas

Segundo Dia
 20 de Agosto, Sexta-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, MODELO DE SERVIÇO
 Pregador: Pe. Otacilio Ferreira de Lacerda
 Animação: Com. São Lucas
 Bênção das Carteiras Profissionais

Terceiro Dia
 21 de Agosto, Sábado, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, PROFETIZA DA VIDA
 Pregador: Pe. Berardo Graz
 Animação: Com. São Geraldo
 Bênção do Terço

Quarto Dia
 22 de Agosto, Domingo, 17:30 hs. MISSA.
MARIA, FIEL E CORAJOSA
 Pregador: Pe. Linderman Carlos Bezerra
 Animação: Com. N. Sra. do Bonsucesso
 Bênção das Gestantes

Quinto Dia
 23 de Agosto, Segunda-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, COMPANHEIRA DOS POBRES

Sexto Dia
 24 de Agosto, Terça-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, PEREGRINA DA ESPERANÇA
 Pregador: Pe. Jaime Gonçalves
 Animação: Com. N. Sra. de Guadalupe
 Bênção dos Jovens

Sétimo Dia
 25 de Agosto, Quarta-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, MESTRA DO AMOR
 Pregador: Pe. Gerson Vieira de Deus
 Animação: Com. Sagrada Família
 Bênção dos Casais

Oitavo Dia
 26 de Agosto, Quinta-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, MODELO DOS CHAMADOS
 Pregador: Pe. Alci Vilas Boas
 Animação: Paróquia Santa Rita de Cássia
 Bênção dos Agentes de Pastoral

Nono Dia
 27 de Agosto, Sexta-Feira, 19:30 hs. MISSA.
MARIA, MÃE ACOLHEDORA
 Pregador: Pe. Gildarte Abílio Costa
 Animação: Com. Santo Antonio de Pádua
 Bênção da Água

FESTA
 28 de Agosto, Sábado, 18:00 hs. OFÍCIO DE NOSSA SENHORA
 19:30 hs. Missa com coroação de Nossa Senhora
 Pregador: Pe. Antonio Bosco da Silva

APÓIO

Scale
 INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Fone/Fax: 6402-2462

RORATI
 PRESENTES, PAPELARIA E ARTIGOS RELIGIOSOS
 RUA SERRA VERDE, 39 - VILA CARMELO I - BONSUCESSO - GUARULHOS - SP
 Fone/Fax: 6436-4801

DURANTE O DIA TODO HAVERÁ BARRACAS E DIVERSAS ATRAÇÕES

Santuário de Nossa Senhora do Bonsucesso Trevo de Bonsucesso - Guarulhos - São Paulo
 Nestes dias não haverá batismo nem crisma
 Equipe Paroquial

PROGRAMAÇÃO DA 260ª FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO

Dia 06/08

FESTA DA CARPIÇÃO

09h00 - Missa

Pe. Antônio Bosco da Silva

Após a Missa haverá a tradicional Benção da Terra.

11h00 - Confissões

12h às 14h00 - Show

Em frente à igreja com as duplas: Brazando e Brazandinho Aleixinho e Hélio Bueno

15h00 - Missa

Pe. Linderman Carlos Bezerra

16 às 19h00 - Show

Em frente à igreja com: Aurea Fontes & Ribelirão Banda Viola Viva

Duplas:

Diogo e Leandro / Joseval e Joseane

19h30 - Missa

Pe. Gerson Vieira de Deus

Dia 11/08

NOITE DAS ARTES

No Salão Paroquial de Bonsucesso Pastoral da Juventude.

18 às 23h00

Teatro, Dança, Música e Arte

De 16/08 à 24/08 - Sempre às 19h30 - NOVENAS

Dia 16/08 - Missa:

María, Templo do Espírito Santo - (Lc 1,26-38)

Pregador:

Pe. Romualdo Nunes de Almeida

Animação:

Com. Sagrada Família - Vl. Carmela

Benção: Da Água

Dia 17/08 - Missa:

María, Modelo de Serviço - (Lc 1,39-45.56)

Pregador:

Pe. Paulo Afonso Sobrinho

Animação:

Com. Sto. Antônio de Pádua

N. Bonsucesso

Benção: Da Vela

Dia 18/08 - Missa:

María, Profetiza a Vida - (Lc 1,46-55)

Pregador:

Pe. Valdocir Aparecido Raphael

Animação:

Com. São Lucas - Ponte Alta II

Benção: Dos Agentes de Pastoral

Dia 19/08 - Missa:

María, Fiel e Corajosa - (Lc 2,1-7)

Pregador:

Pe. Linderman Carlos Bezerra

Animação:

Com. N. Sra. do Bonsucesso - Triunfo

Benção: Dos Jovens

Dia 20/08 - Missa:

María, Companhia dos Pobres - (Lc 2,8-20)

Pregador:

Pe. Jair Oliveira Costa

Animação:

Com. N. Sra. de Guadalupe - Bambi

Benção: Das Crianças

Dia 21/08 - Missa

María, Peregrina da Esperança - (Lc 2,41-52)

Pregador:

Pe. José Paulo dos Santos

Animação:

Com. São João Evangelista - Sta Paula

Benção: Da Carteira Profissional

Dia 22/08 - Missa:

María, Mestre do Amor - (Lc 2,1-12)

Pregador:

Pe. Eder Aparecido Monteiro

Animação:

Com. São Geraldo - Ponte Alta I

Benção: Dos Casais

Dia 23/08 - Missa:

María, Modelo de Vocação - (Mc 3,31-33)

Pregador:

Pe. Alci Vilas Boas

Animação:

Com. Sagrada Família - Vila Carmela

Benção: Dos Doentes

Dia 24/08 - Missa:

María, Acolhedora - (Jão 19,25-27)

Pregador:

Pe. José Miguel da Silva Filho

Animação:

Com. Sto Antônio de Pádua

N. Bonsucesso

Benção: Das Gestantes

Dia 25/08 - ATIVIDADES

17h00

Folia de Reis Estrela Guia

(Vl. Barros/Guarulhos)

Mestre:

João Peão e José Cirilo Rosa

18 e 19h30

Ofício de Nossa Senhora e em seguida, Missa com Coroação de Nossa Senhora

Pregador:

Pe. Antonio Bosco da Silva

20h30

Show com Zabandá - Renato Teixeira

Dia 26/08 - FESTA

08h00 - Missa Solene

Pe. Lazáro Nunes - Vigário Geral

10h00 - Missa Caipira

Pe. João Osmar de Igaratá e Violeiros de Cristo

11h00 às 13h30 - Folia de Reis Divina Luz

(Jd. Adriana/Guarulhos)

Mestre: José Francisco Xavier

Folia de Reis da Vila Nhocunhe

(São Paulo)

Mestre: Benedito Flauzino (Ditião)

Congadas e Moçambiques

14h00 - Missa e Procissão

Pe. Linderman Carlos Bezerra

16h30 às 18h00 - Folia de Reis do Bom Clima

(Guarulhos)

Mestre: Geraldo Aparecido Garcia (Macuco)

Catira: Favoritos da Catira

Responsável: Oliveira Alves Fontes

Orquestra, Coração da Viola de Guarulhos

18h00 - Missa

Pe. Linderman Carlos Bezerra

19h00 - ENCERRAMENTO - SHOW

Com Inezita Barroso e Pena Branca

Apoio:

Prefeitura de

Guarulhos

Trabalho e Honestidade

CULTURA E TURISMO

3.2. O TOMBAMENTO

Em 15 de dezembro de 1998, o prédio da igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso sofreu interdição pela Administração Pública devido às péssimas condições físicas em que se encontrava, apresentando inclusive o risco de ruir. Essa medida provocou a mudança das missas para o Salão Paroquial e, como conseqüência, gerou um profundo descontentamento na comunidade católica do bairro, o que, por fim, também acabaria por colocar a realização da festa em perigo.

Essa ação demonstrou o descompasso entre o poder público, a festa que acontece no bairro e a importância da edificação para a comunidade local, para os romeiros e para os devotos da santa. Revelou também a maneira fortuita e precária com que os imóveis que representam a memória do município são tratados e preservados pelas autoridades.

A pressão política que se instaurou pelas conseqüências causadas pelo fechamento da igreja obrigou a Administração Pública a realizar uma reforma de emergência no prédio e garantir o seu uso, custeada até onde se pôde verificar por doações de algumas empresas⁵¹. A igreja foi reaberta no dia 30 de julho de 1999, após três meses de reforma. Segundo o pároco, “foi grande e perceptível a alegria de todos os paroquianos com a reabertura da Igreja. A mim me causou surpresa em perceber o grande amor de todos os paroquianos para com a Igreja” (I Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso, p. 91).

O relato do vigário também demonstra o desconhecimento que ele possuía sobre o valor afetivo do imóvel para os católicos da região e certamente para os freqüentadores da festa, que viria a ocorrer alguns dias depois. Com a Igreja reformada, perceberam-se nesse ano durante as festas, muitos comentários positivos acerca do estado de conservação do prédio.

No ano de 2000, de forma organizada, as comunidades ligadas à paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso reuniram mais de 5000 assinaturas e solicitaram o tombamento da Igreja ao Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Paisagístico de Guarulhos. Esse abaixo-assinado demonstrou o interesse da comunidade em preservar a sua memória.

⁵¹ Informação recolhida do I Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso, p. 91.

Através do Decreto 21.143 de 28 de dezembro de 2000, publicou-se, no Diário Municipal de Guarulhos, a decisão do executivo municipal de considerar o imóvel como de interesse de preservação, confirmando a decisão anterior do legislativo municipal, conforme consta do texto do decreto:

Decreto 21.143 – Dispõe sobre: “Tombamento do Patrimônio Cultural” O Bacharel Jovino Candido da Silva, Prefeito Municipal de Guarulhos, no uso de suas atribuições legais, de conformidade com o dispositivo no Título IV, Capítulo II, artigo 63, Inciso XIV, artigo 6º da lei nº 3618/90, e art. 28 dos Atos das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município de Guarulhos, de 05/04/1990 e conforme indicação do Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Paisagístico de Guarulhos: Decreta: II – Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, localizada à Praça Nossa Senhora do Bonsucesso, Bairro de Bonsucesso, de propriedade da Mitra Diocesana de Guarulhos (...). (Diário Oficial do Município de Guarulhos de 28 de dezembro de 2000.

O Decreto, publicado em 2000, sustenta em parte a decisão de preservar a Igreja nos Atos das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município de Guarulhos, de 5 de abril de 1990. Portanto, cabe ressaltar que não houve efetivamente uma preocupação em cuidar e preservar a Igreja. Como salientamos, ela fora fechada por falta de condições adequadas para o uso. Cabe destacar também como é recente a preocupação do poder público municipal com políticas de preservação da memória no município.

Segundo Déa Felon Ribeiro⁵², “[n]o Brasil, as políticas de preservação do patrimônio foram sempre marcadas pela improvisação ou pelo uso político da cultura. (...)” (FENELON, 1999, p. 290). A decisão de preservar a Igreja de Bonsucesso através de mecanismos legais e reconhecer o seu valor histórico e arquitetônico é exemplar do interesse de “usar politicamente a cultura”. Provavelmente, a percepção do desgaste político que causaria o fato de se ter a Igreja fechada nos festejos de Nossa Senhora do Bonsucesso, agregada ao extenso abaixo-assinado, movimentou as autoridades.

A redação da Lei Orgânica de 05 de abril de 1990 é também uma clara demonstração da prática de improvisação nas políticas de preservação:

Artigo 28 -Ficam declarados como imóveis de interesse de preservação do patrimônio cultural

⁵² FENELON, Déa Ribeiro. “São Paulo: Patrimônio Histórico-Cultural e Referencias Culturais”. In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n.º 18, maio de 1999, p. 290.

de Guarulhos, devendo receber por parte do Município e comunidade tratamento que permita preservar e valorizar, os seguintes imóveis: **I** -Sanatório Padre Bento (imóveis e vegetação); **II** - Igreja de Bonsucesso; **III** -Igreja do Bom Jesus da Capelinha; **IV** -Igreja do Bom Jesus da Cabeça - Cabuçu; **V** -Sítio da Candinha; **VI** -Prédio da antiga Câmara Municipal de Guarulhos, na Rua Sete de Setembro, esquina com a Rua Felício Marcondes; **VII** -Antiga Estação de Trem, localizada à Praça IV Centenário; **VIII** -Bosque Maia; **IX** -Colégio Capistrano de Abreu; **X** - Praça Getúlio Vargas; **XI** -Casa em estilo "art nouveau" pertencente a Olivetti do Brasil; **XII** - Fábrica localizada na Avenida Paulo Faccini com Avenida Monteiro Lobato; **XIII** -Serra da Cantareira, do Cabuçu ao Bonsucesso; e **XIV** -Junta de Alistamento Militar.(Lei Orgânica do Município de Guarulhos. Art. 28, de 05 de abril de 1990.

A decisão do legislativo de incluir nos Atos das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município de Guarulhos uma relação de bens imóveis e ambientais pode sugerir uma preocupação com a preservação da memória. Entretanto, a redação da lei demonstra o oposto. Para indicar um tombamento, é preciso seguir uma série de normas e critérios, dentre eles, o mais simples e óbvio é a localização do imóvel.

Em nenhum dos imóveis tombados, encontramos esse dado com precisão, as denominações em alguns casos se fazem pela sua função ao longo do tempo, como é o caso da Junta de Alistamento Militar, da Fábrica localizada na Av. Paulo Faccini, o do Sanatório Padre Bento e do Prédio da antiga Câmara Municipal de Guarulhos, ou pela importância da memória rural das elites, como o Sítio da Candinha, antiga fazenda que data ainda do período da escravidão negra.

Outra particularidade dessa lei de proteção é o significado dos bens tombados para o município. Excetuando as áreas de vegetação, o conjunto dos bens preservados representa a memória do Poder Público, das elites e das instituições religiosas. A concepção que norteou a decisão do legislativo corresponde a uma prática comum dos institutos de preservação em considerar como “patrimônio histórico” o patrimônio edificado monumental:

“Coerente com essas concepções configurou-se a prática de identificar um conjunto de bens culturais, no qual, significativamente, é possível reconhecer a predominância do patrimônio edificado: igrejas, capelas, quartéis, fortes, cadeias, palácios, casas de câmara, imponentes casarões” (FENELON, 1999, p. 290).

No caso da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso, não foram diferentes as razões para o seu tombamento, predominou o critério arquitetônico e a sua representação

enquanto um dos monumentos da memória católica. A festa que acontece em torno da Igreja a mais de dois séculos e meio desaparece na visão dessas elites como elemento importante a se preservar, provavelmente por seu caráter popular e por sua relação com o profano.

Não é pretensão deste trabalho discutir e aprofundar as questões que envolvem as políticas de preservação de memória. Entretanto, era indispensável mostrar como se desenvolveu esse processo no município de Guarulhos e referendá-lo dentro do contexto nacional, onde em geral a diversidade cultural por vezes é negligenciada pelas “autoridades”, especialmente em relação às referências afetivas das comunidades e às manifestações da cultura popular.

Aparentemente essa terceira via encontra-se vinculada a uma perspectiva mais ampla do poder público e se prende a dois fatores que são a construção do Aeroporto Internacional de Guarulhos/São Paulo e o fato de Guarulhos ter atingido a condição de um dos maiores municípios do Estado de São Paulo. Portanto, nos parece pertinente apresentar um breve perfil do município na lógica do poder público.

Na periferia de São Paulo, Guarulhos é uma cidade que possui um forte perfil metropolitano. Conta com uma população de aproximadamente 1.2 milhões de habitantes⁵³, tem cerca de 380 núcleos de favelas, um alto índice de violência⁵⁴, rápida urbanização, altamente industrializada, entre outros aspectos comuns das periferias metropolitanas.

O processo de modernização na cidade de Guarulhos teve sua fase mais aguda nos anos 70 e foi marcado por uma política de redesenho da cidade, como o alargamento das ruas centrais, construção de edifícios em ritmo acelerado, asfaltamento em grande escala, etc. Nessa mesma década, observa-se um intenso crescimento populacional, em 1950, a população da cidade era de 35.523 mil habitantes, em 1970, chegou a 237,900 mil habitantes e, no ano de 2000, subiu para 1.071.299 milhões de habitantes.

Tanto na indústria como no comércio observamos o mesmo fenômeno, se em 1950 havia 828 indústrias e 3355 estabelecimentos comerciais, no ano de 2000, esses números chegam a 2000 indústrias e 12.000 pontos de comércio⁵⁵. Esse vertiginoso crescimento populacional, industrial, comercial e de serviços trouxe consigo um crescimento desordenado para a cidade e números expressivos de migrantes. Segundo dados do IBGE – Instituto

⁵³ Projeção da Prefeitura Municipal de Guarulhos para o ano de 2004.

⁵⁴ Dados fornecidos pela Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo apontam Guarulhos como uma das cidades mais violentas do Estado,

⁵⁵ Os dados populacionais, de indústrias e comércio, foram extraídos do Relatório da Secretaria do Planejamento de Guarulhos, “Jornal O Remédio” jan/70, n.07, “Jornal Folha Metropolitana”, ano VIII – Suplemento especial, ed. 2230, de 23/03/1980, Caderno “Guarulhos – São Paulo – Brasil. Conhecer a Cidade de Guarulhos e suas Potencialidades”, 2001, editado pela Prefeitura Municipal de Guarulhos, Gabinete do Prefeito Municipal. Fonte do Arquivo Histórico da Cidade de Guarulhos.

Brasileiro de Geografia e Estatística -, atualmente 55% da população que vive na cidade de Guarulhos é de migrantes com mais de 4 anos de residência.

Esse prodigioso desenvolvimento urbano de Guarulhos tem sido utilizado com frequência pelo poder público nos materiais publicitários, exaltando a sua condição econômica “privilegiada”, soma-se a isso também um intenso envolvimento de recursos públicos dirigidos conforme uma lógica de desenvolvimento e geração de renda, voltada nos últimos anos para o setor de serviços e turismo de negócios.

Alguns textos aqui reproduzidos são parte de uma ofensiva publicitária realizada no ano de 2000 para apresentar a cidade para os “turistas de negócios”. O texto a seguir está num caderno intitulado “Prefeitura de Guarulhos – São Paulo – Brasil – Conheça a cidade e suas potencialidades”.

“Principal fonte de recursos e de desenvolvimento da cidade, o Parque Industrial de Guarulhos mantém-se como importante gerador de empregos e riquezas. São duas mil indústrias de um dos mais diversificados pólos da América do Sul, agregando versatilidade, auto-suficiência e plenas condições de absorver qualquer crise. Responsável por inserir Guarulhos na condição de segunda cidade em arrecadação do Estado de São Paulo, o segmento industrial reúne empresas de alta tecnologia em vários segmentos. Entre as maiores estão: Visteon, Renner Dupont, Cummins, Asea Brown Boveri, Borlem, Degussa, Pfizer/Phibro, Bardella, Aché, Stiefel, NEC, VDO, Yamaha, SEW, Quaker, Mannesmann e Bauducco, entre outras”.

Nota-se uma grande preocupação em apresentar o município, enfatizando-se a sua capacidade produtiva de acordo com os avanços tecnológicos e com a lógica de diversificação que marca o processo produtivo na atual fase do capitalismo. Segue-se o mesmo roteiro quando se trata da atividade comercial:

“A atividade comercial evolui no mesmo ritmo. Desvinculando-se do tradicional comércio de rua, hoje a cidade ostenta o Internacional Shopping Guarulhos – o quarto maior do País. Também se verifica um surpreendente crescimento no setor supermercadista e lojas especializadas, pontuando uma nova era. Diante de tanto dinamismo e diversificação, não é por acaso que o Atlas do Mercado Brasileiro destaca que a indústria de transformação, o comércio e os serviços convivem harmoniosamente em Guarulhos”.⁵⁶

⁵⁶ Fonte: – Publicação da Coordenação Social da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

Essa é evidentemente uma estratégia de *marketing* para “vender” a cidade para investidores internacionais. Os dados demonstram o *status* econômico do município e sua condição de “metrópole”. O material destaca ainda a importância do Aeroporto Internacional de São Paulo como pólo facilitador e visa a aproveitar o potencial de negócios propiciado pelo Aeroporto, considerado o maior da América Latina:

“O Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos liga a cidade a 63 países em todo o mundo. Cerca de 15 milhões de passageiros viajam por ano em 41 companhias aéreas para 215 destinos diferentes, sendo 135 internacionais e 80 nacionais.(...) Guarulhos já conta com oito hotéis de padrão internacional, bem como inúmeros flats com luxuosas acomodações. Com isso, os empresários e executivos do mundo inteiro não mais precisam se hospedar em São Paulo para realizar negócios. Aliás, a cidade é o 13º mercado consumidor do País e o 3º do Estado. A escolha de Guarulhos para receber grandes investimentos do setor hoteleiro encontra explicação na demanda crescente de hóspedes e déficit de vagas na região. (...) Também há a perspectiva de que Guarulhos ganhe, em breve, o maior centro de convenções e eventos da América Latina. O investimento, da ordem de US\$ 400 milhões, deve deslanchar ainda mais o setor de turismo de negócios no município”.⁵⁷

O sistema rodoviário de Guarulhos comprova que a cidade encontra-se estrategicamente posicionado no principal eixo de desenvolvimento do País, formado pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O município é cortado pelas duas principais rodovias federais brasileiras – Presidente Dutra (São Paulo – Rio de Janeiro) e Fernão Dias (São Paulo – Belo Horizonte), além da rodovia estadual Ayrton Senna (acesso ao Vale do Paraíba), no Estado de São Paulo.

.Com o aeroporto chegam novas perspectivas. A “descoberta” desse enorme potencial econômico apontou alguns caminhos para um novo perfil de desenvolvimento da cidade. O setor de hotelaria passou a investir e, nos últimos anos, vários hotéis de redes internacionais instalaram-se na cidade.

Essa identidade construída pelo poder público para o município de Guarulhos está ancorada na perspectiva de atrair investimentos de capital. Entretanto, o sentido de progresso que permeou as ações das autoridades desde o começo do século XX e, pela ausência de uma política de preservação, destruiu praticamente a memória edificada que agora

⁵⁷ Fonte: – Publicação da Coordenação Social da Prefeitura Municipal de Guarulhos.

surge como um obstáculo para explorar toda a potencialidade do turismo provocado pelo fluxo de gente que passa pelo Aeroporto Internacional.

Nesse sentido ganha importância para as “autoridades políticas” do município a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso, não por ser um espaço de realização da cultura popular, mas por seu caráter “pitoresco”, podendo ser usada como pólo de atração desses possíveis turistas. Outra possibilidade consiste em fomentar no pequeno núcleo o turismo religioso a exemplo do que acontece em Aparecida do Norte.

3.3. O PODER PÚBLICO E A CULTURA POPULAR

Entendemos Cultura como as manifestações chamadas artísticas (música, teatro, artes plásticas, arquitetura, literatura, dança, etc), passando pelas tradições religiosas, sociais e populares (feiras, festas religiosas ou não, brincadeiras, folias, procissões, o chamado folclore, etc.) até as expressões do cotidiano (alimentação, moradia, roupa, usos dos espaços, comportamento, fala, registros familiares, objetos, costumes, etc).

Em oposição a esse conceito, cultura é entendida pelo poder público como produção empresarial de eventos, com destaque para shows musicais, peças de teatros, artes plásticas, etc. Componentes como densidade populacional, industrialização, etnias, migração, imigração, modos de vida, religiosidade, entre outros, que conformam o campo da diversidade, são desconsiderados.

Entendemos que cultura não é “algo a parte da sociedade, nem mesmo um simples reflexo de um determinado momento histórico, ou de uma dada sociedade, mas sim uma multiplicidade de manifestações historicamente construídas a partir de experiências individuais e coletivas de diferentes sujeitos sociais. As culturas nascem de relações sociais desiguais” (CUCHE, 1999, p. 143)⁵⁸ e ocupam nas cidades espaços relativos a essa desigualdade. Os lugares onde vive a “elite” são considerados os nichos da produção cultural e intelectual. O contraponto fica para os bairros pauperizados, lugar onde “não existe cultura”.

É de acordo com a “divisão política, social e econômica que se estabelece a relação de subordinação cultural⁵⁹”, tanto é assim que é comum a prática do poder público de atribuir aos espetáculos de orquestras sinfônicas, óperas, ou outros do mesmo tipo, quando

⁵⁸ CUCHE, Denys, *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*; tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

⁵⁹ As expressões entre aspas usamos a partir do conceito formulado por Denis Cuche, sobre as “Hierarquias Sociais e Hierarquias Culturais”. In. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.

realizados nas periferias e subúrbios, a conotação de estar levando cultura para as massas, desprovidas de erudição. Uma prática que nega os saberes populares, atribuindo-lhes por vezes a característica de pitoresco.

Diante da diversidade cultural, há uma tendência explícita das “autoridades” em reconhecer como “cultura” somente aquela produzida pelas elites, desembocando num entendimento raso diante da complexidade que envolve as distintas culturas, produzidas pelos diferentes grupos sociais. Segundo Marilena Chaui:

“A noção de massa tem como contraponto sócio-político a noção de Elite, ora, esse contraponto tende a reduzir o social a duas camadas, a ‘baixa’, formada pelo agregado amorfo de indivíduos anônimos – a ‘massa’ -, e a ‘alta’, formada por indivíduos que se distinguem dos demais pelas capacidades extraordinárias – a ‘elite’, os melhores, os maiores. Não só a divisão social fica dissimulada como constituição do próprio social (sobretudo quando a ideologia sociológica de ‘mobilidade social’ garante que qualquer membro da massa pode ‘subir’ à elite, desde que seja um indivíduo excepcional), mas também a distinção massa/elite justifica e legitima a subordinação da primeira a segunda(...). Massa está desprovida de saber, de fato e de direito, é considerada vazia, passiva, inculta, ignorante, incompetente, precisando ser guiada, dirigida e ‘educada’ (...) por outro lado, significa que a ‘Massa’ de facto e de jure, está despojada de poder sendo por isso potencialmente perigosa, precisando ser vigiada e disciplinada (...) Afinal não são os dominantes que decidem colocar as manifestações culturais dos ‘primitivos’ no Museu de História Natural (na companhia das pedras e plantas), as populares no Museu do Folclore (para que o morto seja celebrado como tradição nacional)” (CHAUI, 1996, p.28, 29 e 30).⁶⁰

O Museu do Folclore da Cidade de Guarulhos mantém em seu acervo violas, chapéus, carro de boi, imagens de santos (São Benedito, Nossa Senhora da Conceição), etc. Esse acervo é considerado pelo poder público como a “memória da cidade interiorana e subdesenvolvida”, definitivamente suplantada pela metrópole.

Contradizendo esse museu, como celebração do morto, há em Guarulhos vários grupos que mantêm vivas as tradições populares mais comuns nas áreas rurais, distantes da vida agitada dos grandes centros urbanos. São as Companhias de Santo Reis, violeiros, tropeiros, alambiques artesanais e uma festa religiosa incrustada numa das principais zonas industriais e um dos bairros mais populosos do município.

⁶⁰ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência, aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996.

As políticas públicas desenvolvidas no campo da cultura no município de Guarulhos são conduzidas pela dicotomia elite/popular, considerando a cultura da elite como cultura de fato e a popular como cultura da massa ignorante, inculta e outros adjetivos dessa ordem. Quando são reconhecidas, a iniciativa é de desenraizá-las, retirá-las do contexto social da sua manifestação, atribuindo-lhes um caráter folclórico.⁶¹ Do mesmo modo se configuram no campo da religiosidade popular: “[a]s clivagens religiosas entre pobres/elites; erudito/popular, reproduziram outras dicotomias que ordenaram e dividiram o campo religioso entre ‘dominantes e dominados’, estabelecendo a oposição dominante/erudito; dominado/popular” (GAETA, 1994, p. 19)⁶².

A presença recente do Poder Público representa mais uma intervenção no contexto da festa a exemplo do processo de romanização do início do século XX pelo catolicismo oficial e, que agora surge, (o poder público) através das políticas de preservação da Igreja e financiamentos num movimento de controle sobre a festa.

As características da festa, distintas, do cenário urbano onde ela se realiza, apresentam possibilidades para o poder público de preencher as lacunas deixadas pelo processo desordenado de crescimento do município, principalmente a partir da segunda metade do século XX e aparece para as “autoridades” como algo pitoresco para ser mostrado permitindo dessa forma dar a ela a dimensão de espaço de turismo. Nesse sentido aproxima-se de: “outras experiências religiosas (que) ficaram durante muito tempo encobertas por uma espessa camada de preconceitos culturais, sendo rotuladas muitas vezes como credices, superstições ou como um pitoresco ‘folclore’, preservado pelas camadas mais pobres da sociedade (...)” (GAETA, 1994, p. 14).

Entretanto uma manifestação da cultura popular, a exemplo das Companhias de Santo Reis, quando levadas aos palcos ganha a dimensão de espetáculo, ou seja, a exposição artificializada dos seus rituais, porém, recompõe a sua tradição quando volta para sua comunidade para “fazer o giro” como demonstração de fé. O depoimento cedido pelo Mestre Macuco da “Companhia de Santo Reis do Bom Clima” é importante para confirmar essa

⁶¹ “(...) o século XVIII viu abrir-se um hiato profundo, uma profunda alienação entre a cultura patriciana e a da plebe. No seu esclarecedor estudo *Cultura Popular na Idade Moderna*, originalmente publicado em 1978, Peter Burke sugere que isso ocorreu em toda a Europa, e que uma das conseqüências foi o surgimento do folclore, à medida que observadores sensíveis (e os poucos insensíveis) nas camadas superiores da sociedade promoviam a investigação da ‘Pequena Tradição’ plebéia, registrando seus estranhos hábitos e ritos. Quando surgiu o estudo do folclore, esses costumes já começavam a ser vistos como ‘antiguidades’, resíduos do passado (...)” THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002. p. 14.

⁶² GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. *A Cultura Religiosa Popular: Polêmicas, Aporias e Desafios Hermenêuticos*. In: Estudos de História. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 1994.

concepção quando ele diz que “não gosta de subir no palco, porque vai contra a tradição”. Do mesmo modo as tradições da festa foram se readequando diante das diversas interferências que ocorreram no seu espaço.

Como exemplo dessa reconstrução das práticas populares na festa é significativo citar a pavimentação do adro da Igreja que mesmo impedindo a carpição: “as atividades envolvendo a procura pela terra continuaram com sua força social e cultural (...) sem a carpição, assinala que as pessoas não são apenas receptoras passivas da manipulação das classes dominantes. São Sujeitos do processo cultural e social, dialogando, negociando e construindo suas vivências e significados em forma de movimentos socioculturais, dando identidade aos espaços” (SANTOS, 2004, p. 56). Constituindo-se, portanto, como um processo vivo de recriação das tradições populares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa procurou estudar a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso, considerando seu contexto histórico social e as relações socioculturais construídas ao longo do tempo. Nos importou compreender a partir das observações atuais a sua relação com o passado remoto, especialmente por sua tradição profana.

Nossos estudos nos levaram a identificar que diante das várias temporalidades que compõe o cenário da festa, somente a capela e a terra perpassam por todas elas. Nos primórdios a Capela aparece no centro das disputas pelo controle da mão-de-obra indígena e pela posse de terras, essa é uma condição inicial vai marcar um longo período da formação do núcleo de Bonsucesso, entretanto é com o significado simbólico de possuir poderes místicos que a terra se incorpora à festa.

Diante dessa relação entre a terra, a fé, a capela e a festa que procuramos desenvolver esse trabalho, questionando a permanência da festa na atualidade como espaço de realização da cultura popular e por estar inserida dentro do contexto urbano e ainda manter características típicas das regiões rurais.

O questionamento que surge a partir do presente resultou nesse caminho de volta ao passado remoto do lugar, com o objetivo de reconstruir as várias temporalidades que encontramos durante a festa, ou seja, as práticas profanas, o catolicismo ortodoxo, a política, as tensões, as lutas sociais, as vivências e experiências.

Buscamos então interpretar o espaço de sociabilidade da festa cuja característica se aproxima de um modo de vida particular das comunidades rurais especialmente, pela presença dos grupos da cultura popular, isto é, as Companhias de Santo Reis, as Congadas, os Moçambiques, os tropeiros, o comércio popular e os violeiros.

Refazendo o caminho do passado para o presente, percebemos a incorporação na festa de diversas temporalidades, que dão a ela, uma característica multifacetada, inicialmente pela sua formação em torno de um aldeamento indígena que leva a uma primeira consideração acerca da construção de práticas particulares de manifestação religiosa, como utensílio, de controle da mão-de-obra, seja da indígena ou da negra e, cujos vínculos culturais definiram a prática das manifestações sincréticas.

Um segundo momento de importância da constituição desse espaço aparece com o catolicismo ortodoxo em confronto com essas práticas sincréticas. Entretanto pela força da tradição num processo de negociações entre os sujeitos percebemos a incorporação de significados de um segmento social pelo outro, expresso por um lado pela imposição de dogmas originados pelo processo de romanização e as práticas profanas.

A crença dos devotos de que a terra foi benzida diretamente por Nossa Senhora e por conta desse fato excepcional ter adquirido o poder de operar milagres fez, com que o clero oficial instituisse a “benção da terra”, numa ação de apropriação da tradição popular, ela [a crença] se manteve com força. Provavelmente, essa relação com a terra sagrada constitui um vínculo com o passado e seu poder místico e afirma claramente o seu caráter não institucional.

Como espaço do catolicismo popular a festa demonstra um intenso vigor nas suas tradições. Cabe salientar que é também um espaço da religiosidade oficial, em torno de uma santa e uma Igreja, entretanto sua mais antiga tradição religiosa, encontra-se em torno da terra sagrada e dos milagres alcançados compondo o terreno da cultura popular e traduzindo-se como oposição às liturgias oficiais.

A terra, como dissemos, “foi benzida” diretamente por Nossa Senhora e se constitui como um ritual profano por não estar subordinada ao catolicismo oficial. Sendo prática popular, a relação dos devotos com a terra sagrada coloca-se em distanciamento dos preceitos religiosos instituídos pelo processo de romanização e, guarda independência em relação a eles.

Outro momento significativo de composição desse espaço de sociabilidade surge com a presença recente do poder público, interessado em desenvolver no lugar condições para incorporar à festa dentro de um circuito turístico-religioso, além imprimir nesse espaço características folclóricas, de espetáculo e “pitorescas” para atender aos turistas que chegam diariamente no município pelo Aeroporto Internacional de Guarulhos/São Paulo. Anteriormente a presença de políticos durante a festa já se fazia notar nos períodos de campanhas eleitorais.

Nesse sentido percebemos que diante das diversas interferências e, usos do contexto da festa, conduziram um processo dinâmico de construção e reconstrução das práticas populares, que foram se readequando e garantindo dessa forma a sua permanência. A longa tradição da festa é acima de tudo uma longa tradição profana, derivada da relação entre os devotos e os poderes milagrosos da terra, da presença dos grupos de cultura popular, dos barraqueiros, dos violeiros e tropeiros.

A cada interferência em tempos distintos as tradições foram constantemente sendo reinventadas pelos populares, guardando seus significados simbólicos. O espaço da festa se constitui como espaço de conflitos e expressam tensões e lutas sociais e políticas do presente, no entanto, aparentemente essa característica da festa reporta-se a um passado remoto, e reiteradamente reconstruído.

**ANEXOS:
DEPOIMENTOS E IMAGENS**

DEPOIMENTOS⁶³:

1. **Geralda Maria de Jesus**, 70 anos, frequenta a festa há 40 anos, gosta mais da “procissão e da missa”, acha que precisa de “mais movimento”, moradora do bairro.
2. **Ana Maria**, 39 anos, frequenta a festa há 10 anos, gosta mais da: “carpição, a benção da terra e a procissão”, moradora do bairro.
3. **Beijo Caetano de Melo**, 61 anos, frequenta a festa há 43 anos, gosta mais da “procissão, a missa, a padroeira e o *show*, sugere a participação de mais artistas, já alcançou graças ”dor de dente, encostou a terra no dente e curou, conhece gente que se curou de ferida na perna, viu na festa grupos de Folia de Reis, Congada, Moçambique, Capoeira, Violeiros, Dupla sertaneja – raiz, Caiapó, Dança de São Gonçalo e Catira”.
4. **Claudete S. C. da Cruz**, 36 anos, frequenta a festa há 20 anos, gosta mais de ver “os romeiros e as atrações”, acha que precisa divulgar na TV, no rádio e jornal, também quer que seja construída uma “nova igreja, maior, como a de Aparecida, relata uma graça alçanda: “há 15 anos atrás sua filha estava com uma forte pneumonia e nos dias das festas essa graça (cura) foi alcançada”, moradora do bairro, diz que Bonsucesso surgiu da “construção da Igreja, foi pelos índios, e de São Benedito era para os escravos e que os escravos rogava à Nossa Senhora para ter uma boa morte (e que a carpição era) que os senhores de escravos, fazia a limpeza em frente a igreja, e as pessoas pegava a terra abençoada e tinha graças alcançadas” sobre a imagem:
5. **Jovelino Alves**, 73 anos, Frequenta a festa há 60 anos, conheceu através de seus pais, gosta mais das “folias de Reis e Catira, sobre a carpição diz que “quem tem problema, põe tres punhados de terra em um pano virgem e coloca no lugar” diz que “já foi curado de uma ferida na perna”, sobre a participação de grupos da cultura popular diz que já viu na festa, Folia de Reis, Congada, Moçambique, Capoeira, Violeiros, Dupla sertaneja – raiz, Caiapó, Dança de São Gonçalo e Catira. Romeiro de São Roque, São Paulo.
6. **Carmo Godoi Cintra**, 32 anos, frequenta a festa há 15 anos, conheceu através de “excursão” e depois foi morar no bairro, gosta mais das congadas, música típicas e folia de reis, reclama da falta de segurança, diz que já recebeu uma graça “mas não pode contar”.
7. **Valdivino Barbosa**, 56 anos, frequenta a festa há 32 anos, Gosta mais da devoção e das folias de reis, afirma que “sua mãe, sofria do coração e foi operada com êxito”, participa do “Grupo de Folia de Reis os Irmãos Divinos”. Mora em Guarulhos.
8. **Erinilda Goes Tome**, 56 anos, frequenta a festa há 50 anos, gosta mais dos cantores, e sugere melhorar o parquinho, participa da festa porque gosta de ver as pessoas, moradora do bairro.
9. **Cátia Martinho da Cruz**, 28 anos e é a primeira vez que vem para a festa, conheceu através de amigos, e gostou mais do comércio, mora na Vila Mariana, São Paulo, Capital.
10. **Maria Quitéria Siqueira**, 68 anos, gosta mais do comércio, diz que “por ser de outra religião, não tinha fé em Nossa Senhora do Bonsucesso”.
11. **Benedito**, participa da festa há vários anos, gosta da tradição, diz que sempre alcança graças, veio de Recife, Pernambuco.
12. **José Quirino**, 57 anos, participa da festa há 20 anos, gosta mais do “povo na festa”, acha importante a “união das comunidades”, veio de Mogi das Cruzes, São Paulo.
13. **Selina Borges**, 58 anos e frequenta a festa desde que “nasceu”, gostam mais da “devoção e festejos”, conheceu trazida pelos pais, veio de Santa Izabel em romaria.

⁶³ Estes constituem apenas uma pequena parte dos depoimentos coletados durante a festa nos anos de 1999 até 2003.

NÚCLEO DE BONSUCESSO⁶⁴
Igreja ao fundo, praça e algumas barracas



⁶⁴ As fotos 35 a 56 que compõe esse anexo pertencem ao meu acervo. De 1999 até 2003 fiz mais de 1200 imagens da festa.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO
Missa Campal



CAPELA DE SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS
Devotos de São Benedito em frente a Capela



DEVOTOS NUM MOMENTO DE ORAÇÃO



DEVOTOS NUM MOMENTO DE ORAÇÃO



MOVIMENTO DE ROMEIROS

Ao fundo ônibus estacionados e no poste propaganda eleitoral



IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO BONSUCESSO DURANTE PROCISSÃO
Devotos tocando a imagem



IMAGEM DE SÃO BENEDITO DURANTE A PROCISSÃO



A PROCISSÃO



PROCISSÃO

No centro da foto aparece o pároco seguido por crianças, do lado direito membros de um grupo de Folia de Reis observando a passagem do cortejo.



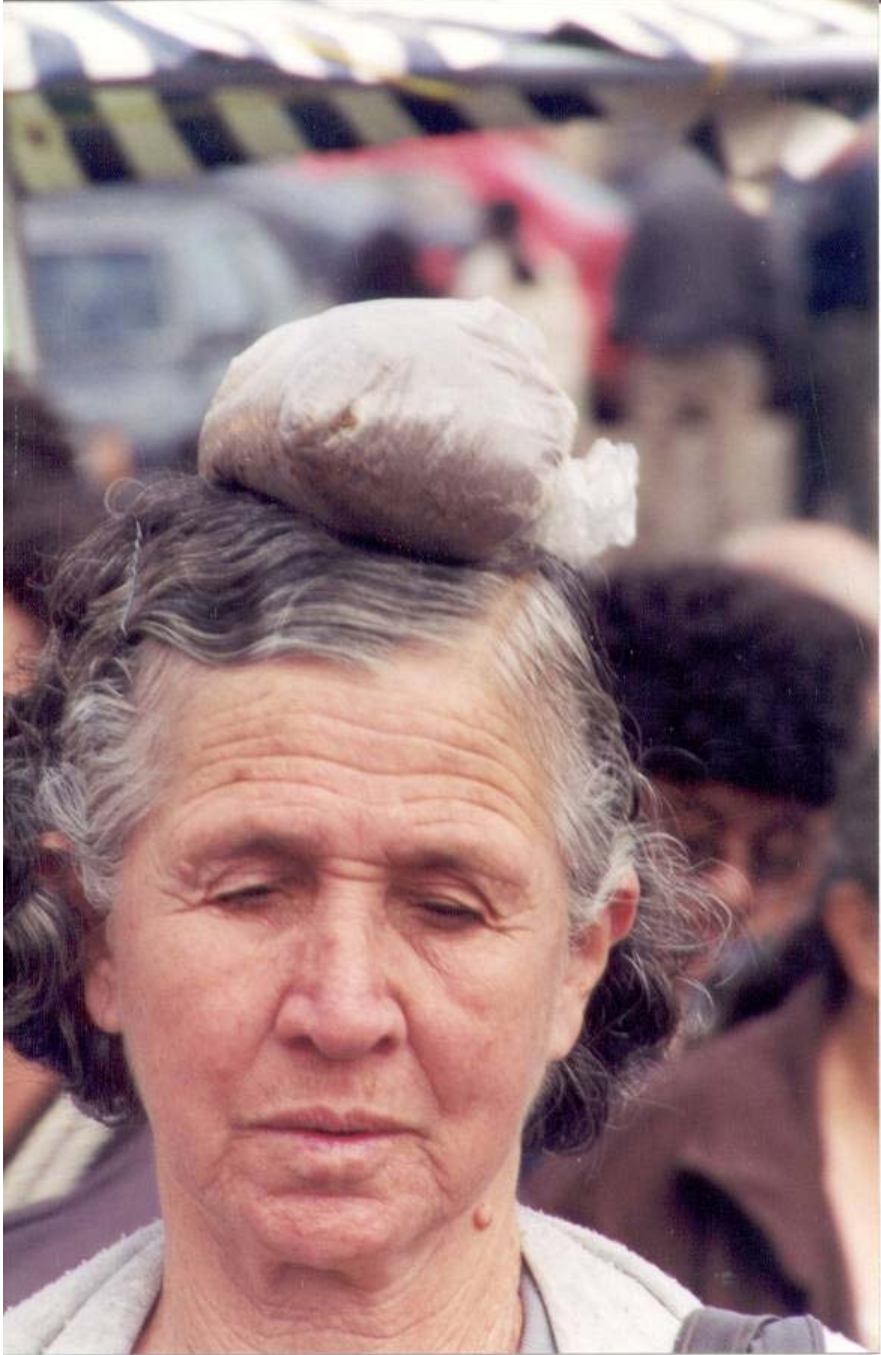
A TRADIÇÃO CONTINUA COM AS CRIANÇAS



A TERRA “SAGRADA”



A TERRA “SAGRADA”



A TERRA SAGRADA SENDO RECOLHIDA
É tradição carregar a terra acondicionada de alguma maneira.



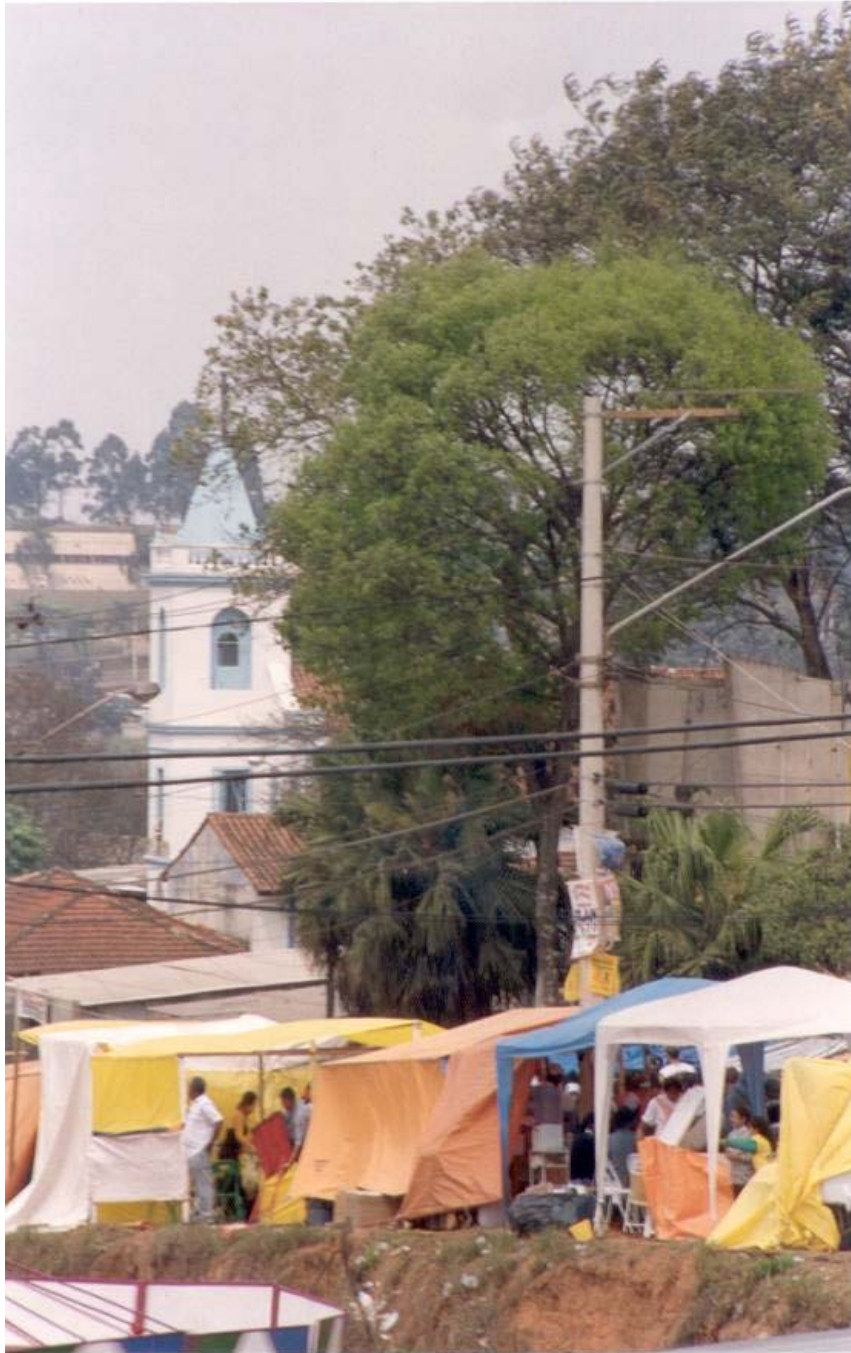
COMÉRCIO POPULAR

Ao fundo Capela de São Benedito dos Homens Pretos



COMÉRCIO POPULAR

Ao fundo aparece a torre da Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso



COMPANHIA DE SANTO REIS



DETALHE DA BANDEIRA DE UMA COMPANHIA DE FOLIA DE REIS



COMPANHIA DE SANTO REIS
Em frente a Igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso



OS FAVORITOS DA CATIRA

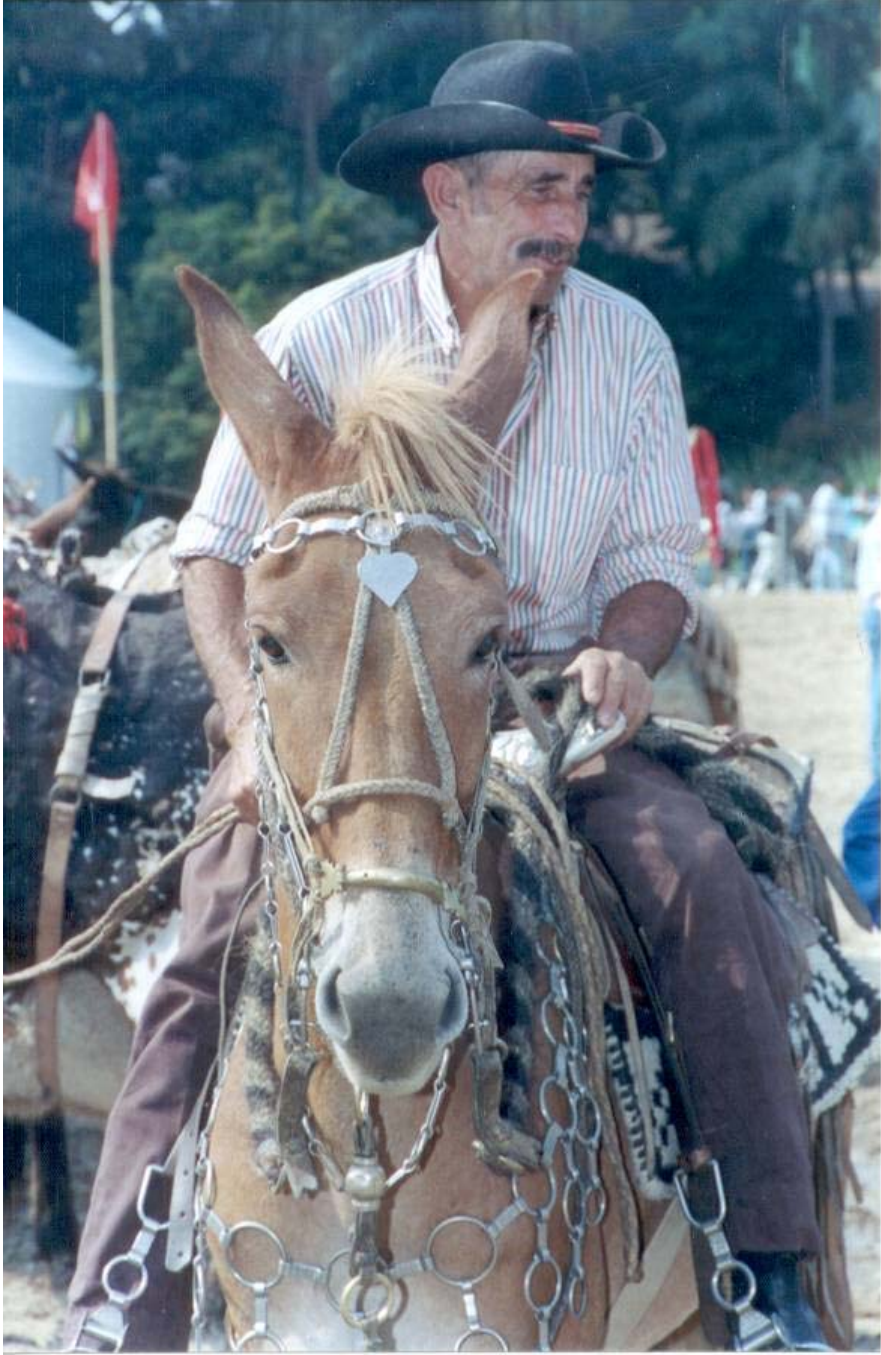


DUPLA SERTANEJA “RAIZ”

Oliveira e Olival



TROPEIRO



FONTES
ACERVOS
BIBLIOGRAFIA

FONTES E ACERVOS

- “2º Livro de Registro de Contratos de Aforamentos: 20/09/1891”. Guarulhos: Manuscrito/Câmara Municipal, 20 de setembro de 1891.
- “Decreto de Tombamento Municipal – N. 21.143”. Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 28 de dezembro de 2000
- “Edição Histórica Comemorativa do III Centenário da Elevação à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos (1685 – 1985)” Prefeitura Municipal de Guarulhos.
- 1º Livro de Tombo da Catedral da Sé - 1554 a 1895. São Paulo. Arquivo da Diocese de São Paulo
- BEZERRA, Pe Carlos Linderman .”259ª Festa de Nossa Senhora do Bonsucesso”, In: **Informativo da Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso**. 1999.
- Câmara Municipal de Guarulhos “Lei Orgânica do Município de Guarulhos. Art. 28”, 05 de abril de 1990.
- CORREIO DO POVO. “Um pequeno paraíso conhecido como Bonsucesso”. Guarulhos, 19 de junho de 1976, p. 3.
- DIOCESE de Guarulhos. **Diocese de Guarulhos**. Guarulhos: Diocese de Guarulhos, 2003/2004.
- FOLHA METROPOLITANA. “Carpição atrai milhares de fiéis”. Guarulhos 07 de agosto de 2001, p. 5.
- FOLHA METROPOLITANA. “Festas de Nossa Senhora do Bonsucesso e da Carpição devem reunir 30 mil pessoas”. Guarulhos 04 de agosto de 2001, p. 7.
- GUARULHOSWEB. “262 Festa da Carpição acontece na próxima segunda-feira”. <http://www.guarulhosweb.com.br/realtime/3072003170550.shtml>. 17 de março de 2003.

- GUARULHOSWEB. “Festa da Carpição em Bonsucesso”. <http://www.guarulhosweb.com.br/realtime/0282002142538.shtml>. 17 de março de 2003.
- JORNAL O REMÉDIO”. Janeiro de 1970. N.07
- O ESTADO DE SÃO PAULO. “Carpição é Comemorada há 259 anos”. **Guarulhos MetrÓpole**. 11 de agosto de 2000.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. “Fidelidade a Nossa Senhora Move Carpição”. **Guarulhos MetrÓpole**. 04 de agosto de 2000.
- PADRE CELESTINO, Gomes d’Oliveira Figueiredo. “RelatÓrios e anotações” Terceiro livro de Tombo da Catedral de Nossa Senhora da ConceiçÓo de Guarulhos, 1913.
- PMG. “Livros de Aforamentos”. Guarulhos: PMG. VÁrias Datas.
- PMG. “RelatÓrio da Secretaria do Planejamento de Guarulhos”. **Secretaria do Planejamento de Guarulhos**.1988.
- PMG. Gabinete do Prefeito Municipal. “Guarulhos – São Paulo – Brasil. Conhecer a Cidade de Guarulhos e suas Potencialidades”. Caderno.Prefeitura Municipal de Guarulhos, 2001.
- ROMÃO, Gasparino José e NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. “Guarulhos. EdiçÓo HistÓrica comemorativa do I Centenário de EmancipaçÓo Política de Guarulhos – 1880 – 1980” Prefeitura Municipal de Guarulhos e Academia Guarulhense de Letras. 1980.
- TRIBUNA DA CIDADE. “31 de Agosto: Festa de Bom Sucesso”. EdiçÓo Especial Guarulhos 02 de setembro de 1969. primeira página,
- TRIBUNA DA CIDADE. “Bairro de Bom Sucesso realiza mais uma de suas festas tradicionais”. EdiçÓo Especial Guarulhos 02 de setembro de 1969. p.3 e 5.
- TRIBUNA DA CIDADE. “Câmara Municipal de Guarulhos saúda festa de Bonsucesso”. EdiçÓo Especial Guarulhos 02 de setembro de 1969. p.4,

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA SOBRE GUARULHOS:

- ARAÚJO, Marli Almeida de. “Redesenhando Bonsucesso”. Monografia apresentada junto à Banca de Graduação da UNG. 1987.
- GAMA, Haroldo LEANDRO, Expedito. **Formação de Uma Metrópole**. São Paulo: CDDH, 1998.
- NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. **Guarulhos Cidade Símbolo**. Guarulhos: s/e, 1960.
- RANALI, João. **Cronologia Guarulhense: 2 Volumes**. Guarulhos: s/e, 1986.
- _____. **A Ficção Veste a História – Episódios de Uma Cidade**. São Paulo: s/e, s/d.
- _____. **Coisas Nossas e dos Outros**. Guarulhos: s/e, 1979.
- _____. **Guarulhos: História e Estatística**. Guarulhos: s/e, 1945.
- _____. E ROMÃO, Gasparino. **Edição Histórica Comemorativa do III Centenário da Elevação à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos (1685-1985)**. Guarulhos: PMG, 1985
- SALES, Geraldo Francisco & ORDOÑEZ, Marlene. **Guarulhos – Nosso Município**. São Paulo: IBEP, 1980.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. “Artigo de Divulgação da 260ª Festa em Louvor a Nossa Senhora do Bonsucesso-Guarulhos”. In: **Informativo Vitruvius**. São Paulo: Página desenvolvida por Abílio Guerra. Agosto/2001-
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arquitextos.asp>.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABREU, João Capistrano. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1975.
- _____. **Capítulos de História Colonial, 1500 – 1800**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. 2000.
- AMARAL, Rita de C. “Festa a Brasileira – Significados do festejar, no país que ‘não é sério’”. “Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 1998.
- BAKHITIN, Mikail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais**. 4ª ed. São Paulo: Annablume/Hucitec. 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, Vol. I**, 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino o Santo e a Senhora**. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Edição patrocinada pela FUNARTE. 1978.
- _____. **Os Deuses do Povo: Um Estudo Sobre Religião Popular**. São Paulo: Brasiliense. 1986.
- BURKE, Peter (org). **A Escrita da História - Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP. 1992
- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 2001.
- _____. **Cultura Caipira**. In: <http://www.mundocaipira.com.br/>.
- CASSALHO, Walter. “Picando Fumo - Crônicas da Roça” In: **Cultura Vozes, volume 94, N. 4**. São Paulo: 2000.
- CAVA. Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 2 volumes**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel. 1990.
- CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência, Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1984.
- _____ . **Cultura e Democracia. O Discurso Competente e Outras Falas**. São Paulo. Cortez Editora, 2001.
- COUTO, Edilece Souza. “O Mastro de São Sebastião: Religiosidade e Tradição Indígena na Bahia”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DEUS, Maria Socorro de. “Carreiros na Festa de Trindade: Estudo de uma Romaria Goiana”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- FENELON, Déa Ribeiro. São Paulo: “Patrimônio Histórico-Cultural e Referencias Culturais”. In: **Projeto História, Revista de Pós-Graduação em História da PUC-SP, n. 18**. São Paulo: EDUC, 1999.
- FERNANDES. R. C. **Os Cavaleiros do Bom Jesus: Uma Introdução às Religiões Populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. “**A Cultura Religiosa Popular: Polêmicas, Aporias e Desafios Hermenêuticos**”. In: Estudos de História. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 1994.
- GOMES, Carlos Augusto. **Antoninho da Rocha Marmo**. In: <http://www.arvoredobem.ig.com.br/>.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1989.

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- HOBBSAWN, Eric J. “A Invenção das Tradições” In: **Coleção Pensamento Crítico. Vol. 55. 2ª edição**. São Paulo. Ed. Paz e Terra.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- _____ . **Visão do Paraíso**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. 2000.
- MACHADO, Maria Clara Thomaz. “Pela Fé: A Representação de Tantas Histórias”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes. 2001.
- MONTEIRO, Jhon Manuel. **Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995
- NASSER, Fernando. “E a gente pega na viola, que ponteia” In: **Cultura Vozes, volume 94, N. 4**. São Paulo: 2000.
- OMEGNA, Nelson. **A Cidade Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.
- ORTIZ, Renato, **Um Outro Território, Ensaio Sobre a Mundialização**, São Paulo: Editora Olho D’Água. 2000
- _____ . **Cultura e Modernidade**. São Paulo: Brasiliense. 1991.
- _____ . **A Consciência Fragmentada. Ensaio de Cultura Popular e Religião**. São Paulo: Paz e Terra. 1980.
- PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP. 1995
- PIERSON, Donald. “Santos em Cruz das Almas”. In: **Revista Sociologia, Volume XV, N.1**, Escola de Sociologia e Política de São Paulo: Março de 1953.

- _____ . “Caipira versus Cidadão em Cruz das Almas”. In: **Revista Sociologia, Volume XII, Março de 1953, N.4**, Escola de Sociologia e Política de São Paulo: Outubro de 1950.
- _____ . “O Estudo de Cruz das Almas”. In: **Revista Sociologia, Volume XII, N.1**. Escola de Sociologia e Política de São Paulo: Março de 1950.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- RIBEIRO, Darcy. **O Processo Civilizatório**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. 2000.
- RODRIGUES, Marly. **Imagens do Passado – A Instituição do Patrimônio em São Paulo**. São Paulo: UNESP, IMESP, CONDEPHAAT, FAESP. 2000.
- SANTOS, Carlos José Ferreira. **Nem Tudo Era Italiano, São Paulo e Pobreza (1890-1915)**, São Paulo, Annablume/FAPESP, 1998
- _____ . “Guarulhos: Espaços Identitários sob a Mundialização”. Tese de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo: USP, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2004.
- SANTOS, Maria de Lourdes do. “As Múltiplas Faces de Uma Santidade: Reflexões sobre a Trajetória de ‘Ser Santo’”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- SANTOS, Reinaldo dos. “Entre a Vida do Homem e a Vida do Santo: A Bio/Hagiografia do Padre Donizete de Tambaú”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- SILVA, Mônica Martins da. “As Folias do Divino: Sociedade, Igreja e Romanização em Pirenópolis (GO) 1910-1950”. In: **Revista de Estudos de História**. Franca, São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- STRAUSS, Claude Levi-. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1955.
- SUESS Paulo (org). **Culturas e Evangelização**. São Paulo: Edições Loyola. 1991.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.